

JÔNATAS DA COSTA BRASIL DE BORBA

**MICROPOLÍTICA ESCOLAR E O TRABALHO DOCENTE DA EDUCAÇÃO
FÍSICA: ESTUDO EM DUAS ESCOLAS DA REDE ESTADUAL DE EDUCAÇÃO
NA CIDADE DE PORTO ALEGRE**

**Porto Alegre
2013**

JÔNATAS DA COSTA BRASIL DE BORBA

**MICROPOLÍTICA ESCOLAR E O TRABALHO DOCENTE DA EDUCAÇÃO
FÍSICA: ESTUDO EM DUAS ESCOLAS DA REDE ESTADUAL DE EDUCAÇÃO
NA CIDADE DE PORTO ALEGRE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Educação Física da Universidade Federal
do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para
obtenção do grau de Licenciado em Educação Física.

Orientador: Prof. Dr. Elisandro Schultz Wittizorecki

**Porto Alegre
2013**

RESUMO

O presente estudo teve como objetivo descrever e compreender as relações entre os docentes de Educação Física com os atores do cenário escolar no qual estão inseridos, identificando os arranjos que se formam. Essas relações existentes no cenário escolar e as estratégias estabelecidas pelos atores deste cenário, configuram a micropolítica escolar. O trabalho docente está inserido neste contexto, sofrendo e promovendo influências no cenário escolar e em sua micropolítica. A atuação docente é permeada por este complexo sistema que precisa ser compreendido para que se possa transformar positivamente este cenário. Metodologicamente desenvolvi um estudo de cunho qualitativo e descritivo que observou duas realidades escolares em Porto Alegre e respectivos professores formados em Educação Física. As informações foram obtidas a partir da análise de situações vivenciadas e observadas em duas escolas da rede pública de ensino estadual e entrevistas semiestruturadas de professores de Educação Física destas escolas. A coleta de dados realizou-se durante o primeiro semestre de 2013 e esses foram trabalhados através da análise de conteúdo. O estudo me permitiu compreender que as relações estabelecidas e reconstruídas no universo escolar podem influenciar o trabalho docente por meio das alianças, coalizões e conflitos em meio a diversidade de objetivos e diferentes formas de operar nas relações de poder. Nesse sentido, o professor diante disto pode se posicionar como “aprendente” em relação ao lidar com a dinâmica micropolítica escolar. A dinâmica de funcionamento desta micropolítica peculiar a cada escola desafia o docente a operar de forma transformadora impactando positivamente o seu trabalho com o seu trabalho.

Palavras chave: Educação Física Escolar. Micropolítica escolar. Trabalho docente.

LISTA DE ABREVIATURAS

EEEF – Escola Estadual de Ensino Fundamental

ESEF – Escola de Educação Física

IEE – Instituto Estadual de Educação

MEC – Ministério da Educação e Cultura

PCN'S – Parâmetros Curriculares Nacionais

PPP – Plano Político Pedagógico

SEDUC – Secretaria da Educação do Rio Grande do Sul

UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – TRAMA DAS RELAÇÕES NO CENÁRIO ESCOLAR.....	9
FIGURA 2 – HIERARQUIA TRADICIONAL DA ORGANIZAÇÃO ESCOLAR.....	23
FIGURA 3 – DINÂMICA DA GESTÃO PARTICIPATIVA	24

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	7
1.1 PROBLEMA DE PESQUISA	12
1.2 OBJETIVOS	13
1.2.1 <i>Objetivo geral</i>	13
1.2.2 <i>Objetivos específicos</i>	13
2 REVISAO DE LITERATURA	14
2.1 EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR	14
2.2 MICROPOLÍTICA ESCOLAR	19
2.3 RELAÇÕES DE PODER	21
3 METODOLOGIA	27
3.1 CARACTERIZAÇÃO DA INVESTIGAÇÃO	27
3.2 PARTICIPANTES DO ESTUDO	27
3.3 INSTRUMENTOS E MATERIAIS NA COLETA DE INFORMAÇÕES	28
3.4 PLANO DE COLETA DE INFORMAÇÕES	29
3.5 TRATAMENTO DAS INFORMAÇÕES	29
4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DAS INFORMAÇÕES	30
4.1. RELAÇÕES PRESENTES ENTRE OS DIFERENTES ATORES DO CENÁRIO ESCOLAR DO CENÁRIO ESCOLAR	30
4.2. DISPUTAS E ALIANÇAS EXISTENTES NAS RELAÇÕES ENTRE OS DIFERENTES ATORES DO CENÁRIO ESCOLAR	36
4.3. CONFORMAÇÕES QUE A EDUCAÇÃO FÍSICA PROMOVE E SOFRE DIANTE DO CENÁRIO ESCOLAR	44
CONSIDERAÇÕES TRANSITÓRIAS	49
REFERÊNCIAS	50
APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	52
APÊNDICE B – ROTEIRO DE QUESTÕES DA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA	53
APÊNDICE C – LISTA DE UNIDADES DE SIGNIFICADO IDENTIFICADAS A PARTIR DAS ENTREVISTAS	54
APÊNDICE D – EXEMPLO DE TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA	60

1 INTRODUÇÃO

Adentrei o universo do trabalho docente enquanto dava os primeiros passos nos estágios obrigatórios do curso de Licenciatura em Educação Física da UFRGS e comecei a me ver envolvido em uma realidade desconhecida apesar dos anos como estudante. Agora parece que enxergo por trás dos furos nos olhos da figura pintada e emoldurada na parede de uma sala, ou seja, me deparei com um cenário observado por outra perspectiva, visto de um novo ângulo em que as relações se constituem de forma diferente com outros arranjos.

Um elemento chave foi sendo aos poucos aprendida: a micropolítica escolar. González (1997) dissertando sobre este tema diz que ela tem como conceito fundamental o poder e se estabelece em um cenário formado por grupos de interesses que se envolvem em disputas para alcançar determinadas metas e objetivos em comum. Qual seria o impacto que o cenário escolar com suas disputas de interesses e de poder têm sobre a Educação Física ministrada em sala de aula?

Neste novo lugar, a partir da condição de professor, vivi novas e diferentes relações: com o corpo docente, com a direção, supervisão e coordenação pedagógica, com os alunos e suas histórias e com as famílias dos alunos. Uma das diferenças é a postura que agora como professor, eu devo assumir diante de cada um destes componentes do cenário escolar. Diante destes componentes posso assumir uma postura transformadora de “intelectual transformador” (GIROUX, 1997) ou posso apenas transmitir os conteúdos, avaliar, preencher a chamada, registrar aula, manter a boa convivência (evitando conflitos) e expressando-me sempre com sorrisos.

A equipe diretiva de uma escola tem distintas atribuições instituídas pelos cargos que ocupam. Nos estágios curriculares realizados durante a graduação, tivemos que aprender a lidar e nos relacionarmos com as hierarquias, disputas e restrições impostas com que, pouco a pouco, nos deparamos. Em nenhuma disciplina durante a formação inicial, discutimos ou ao menos nos foi exposto um texto ou até mesmo falado sobre o papel, a função, de cada componente da gestão escolar. Chegamos aos estágios e também não nos foram apresentadas as funções da supervisão escolar, da coordenação pedagógica, da direção e vice-direção, da secretaria e outros setores. Situação compreensível, pois se espera que disciplinas

teóricas tratem disto com mais profundidade e anteriormente à prática pedagógica dos estágios.

Depois de uma familiarização com o ambiente escolar, pude atentar para os pequenos traços que compõem o cenário dessa instituição. Nos pequenos intervalos durante o estágio conversamos sobre cada aluno, sobre a postura do professor diante dos alunos, sobre a metodologia e outros temas inerentes ao nosso papel de professores de Educação Física.

Boa parte de meu grupo de estágio teve a oportunidade de vivenciar, não em uma mesma turma, mas em uma mesma escola um ano letivo: a Escola Estadual de Ensino Fundamental Guaíba¹. Esse fato nos proporcionou um outro olhar sobre a estrutura da escola e uma análise de caráter longitudinal. Conhecemos os cargos e também seus ocupantes na escola, mas aprofundamos o conhecimento das funções à medida que enfrentávamos algum problema que nos demandava contatá-los.

Na Escola Estadual de Ensino Fundamental Guaíba não há nenhuma placa que identifique a escola e dentro há uma inscrição no muro “GUAÍBA₁₉₁₄” expressando a tradição da escola instalada em um bairro que é atualmente ocupado por muitas pequenas empresas e lojas. A escola atende alunos advindos de outros bairros adjacentes ao bairro São Geraldo, em Porto Alegre/RS.

A vice-diretora nos relatou que no geral os pais são participativos e eles esperam da escola um alto padrão de ensino. Uma professora nos relatou que a cobrança do cumprimento do horário, das faltas e dos atrasos é com o mesmo rigor de uma empresa privada. Falou-nos também, que a gestão da escola se assemelha a de uma empresa. Uma das coordenadoras pedagógicas possui grande influência sobre a direção e se caracteriza por ser uma pessoa que “faz as coisas acontecerem” e está sempre disposta a ajudar os professores.

A escola dispõe de bons espaços e escassos materiais que constantemente acabam indo para o telhado da escola, que por ser muito alto impossibilita sua retirada. Para as aulas de Educação Física os espaços que são bons, porém, ao se aproximar o horário do intervalo, eles são tomados pelos alunos das séries iniciais fazendo com que a aula tenha que terminar antes do previsto e do ideal. Já o ginásio não possui este problema, contudo possui uma acústica desafiadora que faz com que a voz do professor desapareça.

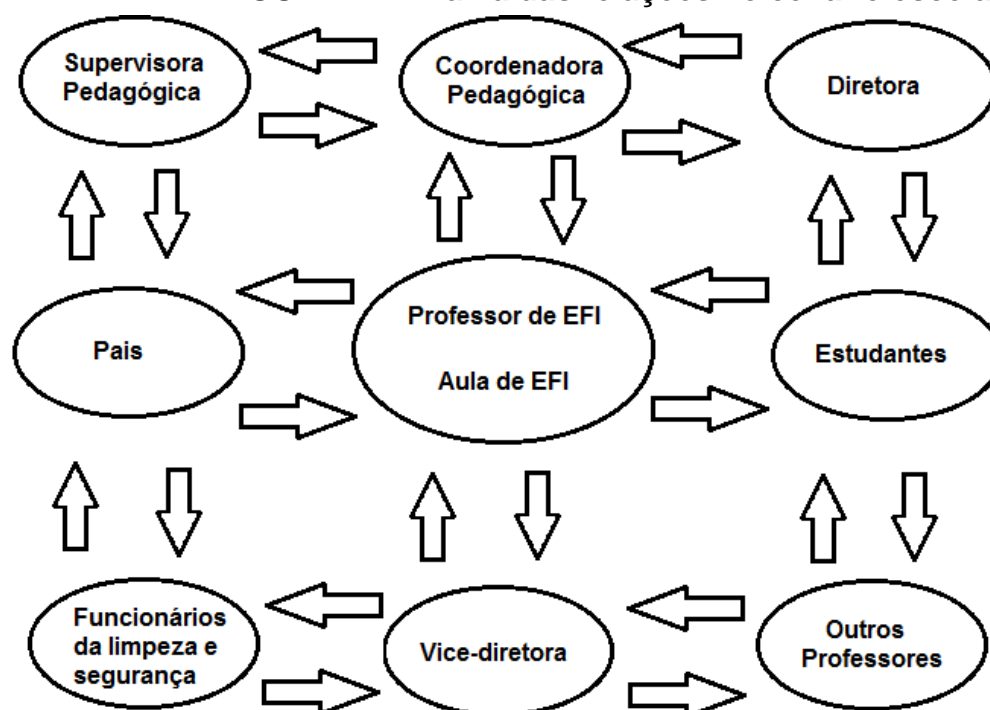
¹ Os nomes das escolas e dos colaboradores foram substituídos por nomes fictícios a fim de preservar a identidade de nossos colaboradores.

Aliando as experiências relatadas aos depoimentos que ouvi da professora de Educação Física da EEEF Guaíba onde realizei o estágio obrigatório no Ensino Fundamental nas séries iniciais e finais percebi realidades distintas. Estes relatos foram enriquecidos devido à professora trabalhar em outra escola, que chamaremos de escola Porto Alegre, também pertencente à rede estadual de ensino, contudo muito diferente da EEEF Guaíba. O contraste relatado entre sobre as dinâmicas de funcionamento da EEEF Guaíba e da escola Porto Alegre possibilitaram-me perceber a existência de universos e/ou cenários no qual a Educação Física se insere e o professor desenvolve o trabalho docente.

Estes cenários são aparentemente compostos pelos mesmos componentes, mas que se configuram e se organizam de formas distintas. Estão entre estes componentes os alunos, diretora, vice-diretora, coordenadora pedagógica, supervisora pedagógica e professores com suas especificidades. Percebi que este cenário composto de pessoas e suas configurações podem influenciar o trabalho docente tanto quanto as conhecidas reclamações por espaços e por materiais adequados e mais, serem geradoras destas reclamações.

No diagrama abaixo, busquei mapear a complexidade do cenário escolar, excluindo elementos que não estão fisicamente presentes na escola como, por exemplo, a secretária de educação:

FIGURA 1 – Trama das relações no cenário escolar.



Neste cenário peculiar a Educação Física se insere e interage, modifica e é modificada. Como foi no início do estágio ao chegar neste ambiente escolar, o cenário é parcialmente invisível e vai se materializando à medida que o professor o desbrava e por ele vai tecendo trilhas em direção ao utópico pleno desenvolvimento de seu trabalho docente.

Pergunto-me, com a preocupação de possivelmente ter um futuro docente medíocre, se é o educador que faz a escola ou é a escola que faz o professor? Fiz uso de palavras distintas “educador” e “professor” a fim de apontar a essência de nossa profissão. Sugiro que o professor diante de uma realidade desleixada e relaxada adere a ela se conformado com este cenário como um camaleão, já o professor educador transforma este cenário medíocre à medida que desbrava esta realidade.

Na vivência do quarto estágio docente, agora no âmbito do Ensino Médio, no Instituto de Ensino Estadual Camaquã, me deparei com uma estrutura bem diferente da encontrada na EEEF Guaíba. No IEE Camaquã os materiais não são escassos, os prédios têm aparência de abandono com infiltrações e mofo, os blocos das salas de aula são afastados e não há uma área coberta ampla para ser utilizada nos dias de chuva.

As pessoas que possuem cargos como coordenação e supervisão pedagógica não possuem uma presença marcante no espaço físico da escola. A diretora recebe todos os dias os alunos em pé ao lado do portão, mas facilmente se entra na escola sem ser percebido e no dia de nosso estágio tivemos dificuldade em encontrar alguém que soubesse onde estava a professora de Educação Física da escola ou alguém que se dispusesse a nos levar até ela.

A título de ilustração, no interior da cidade onde resido há uma escola que recebeu como professora uma colega que relatou a sua visão de cenário existente neste local em que a diretora é um “xerife”, pois os professores não têm autonomia nem para estabelecer comunicação com os pais de seus alunos seja via oral ou por bilhete no caderno. Todo e qualquer assunto deve ser tratado entre a diretora e os pais.

Já em outra escola desta mesma cidade, enquanto que no intervalo das professoras cada uma traz o seu café, o intervalo da direção, da supervisão e coordenação que é posterior é disponibilizado café, bolacha, pão, etc. Este fato torna visível a hierarquização invisível de muitas escolas, que confere um grau de

importância superior a estes cargos em relação aos professores. Suspeito que em um cenário assim constituído, um pedido de um professor não é tão relevante quanto o de uma supervisora.

Na EEEF Guaíba, tínhamos no princípio todos os espaços a nossa disposição, contudo no semestre 2012/1 havíamos reservado uma sala ampla para a aula de Educação Física do 2º ano do Ensino Fundamental e fizemos os procedimentos conforme a norma escolar: agendamos previamente no caderno de reservas data, horário, turma, disciplina e professor. Nossa surpresa foi encontrar a sala totalmente ocupada, desorganizando todo o planejamento da aula. Em outro semestre, 2012/2, após uma aula de judô fomos orientados a não mais usar este espaço para a Educação Física. Claramente nas duas situações há uma atribuição de menor importância à Educação Física e a nós docentes, na condição de estagiários. Se houvesse uma valorização de nossa prática, certamente este espaço ótimo para a prática da Educação Física não nos seria privado.

Comparando duas realidades com a quais tive contato, compreendi que faz diferença para o trabalho docente se o responsável por cuidar da portaria se dispõe, ou não, a auxiliar atendendo pedidos que fujam da normalidade como, por exemplo, pegar uma escada para tirar a bola de cima do telhado. Este funcionário apoiador além de motivar, dá suporte para que a aula se desenvolva assim como uma orientadora que autentica a autoridade do professor e está ciente do que ocorre dentro da aula e em prontidão para também dar suporte o trabalho docente. A presente análise de duas realidades visa esclarecer as diferenças e estabelecer paralelos existentes em duas escolas da mesma rede de educação de uma mesma cidade.

Antes de refletir a respeito do cenário escolar e sua micropolítica com suas implicações para Educação Física, as minhas respostas para a pergunta “como dar uma boa aula?” eram sempre: “professores motivados motivam alunos e alunos desmotivados desmotivam o professor”. Entendo agora que cada escola é feita de arranjos ímpares e complexos que não nos possibilita responder a tal pergunta com tal singeleza. Contudo seria possível obter diretrizes de como se desvencilhar e propor uma nova prática? Creio que fizemos isso em nosso estágio na EEEF Guaíba insistindo muito com os alunos, com a professora e direção novas possibilidades para a Educação Física e faremos da mesma forma no IEE Camaquã.

Da mesma forma que os estudantes sofrem com as violências dentro das escolas como aponta Oliveira (2011), os professores e corpo diretivo também são passíveis de insegurança e violência. No estágio não encontramos muita resistência como atos de violência diretos a nós, por exemplo. É importante considerar a realidade de violências dentro da escola. O professor, frente a isso, como ser humano, fica acuado e tende a conformação. É preciso construir ferramentas que possibilitem a ruptura com os sistemas mais sutis e com os mais abruptos.

Avalio que a aparência externa expressa um abandono no IEE Camaquã, refletida diretamente nas aulas que não têm hora pra começar (quase sempre atrasadas), nos conteúdos repetidos ministrados que observamos em turmas de 8º série do Ensino Fundamental, 1º ano e 2º ano do Ensino Médio. Na EEF Guaíba os conteúdos também eram os mesmos, contudo percebi uma preocupação com o conteúdo com o cumprimento do horário e a avaliação. Com base em uma análise preliminar destes relatos será que poderemos minimamente responder as perguntas a seguir: Quais as implicações do cenário e sua micropolítica sobre a Educação Física? Poderia um professor modificar uma realidade e ser modificado por outra, ou seja, um mesmo professor que atue em duas escolas desenvolver práticas pedagógicas antagônicas? O que fazer diante de cenários que conduzem a mediocridade?

Deixando as duas últimas perguntas para estudos posteriores, no presente estudo pretendo explorar os impactos da micropolítica e o contexto escolar sobre o professor de Educação Física e sua prática pedagógica na escola.

1.1 Problema de pesquisa

Frente ao apresentado o problema de pesquisa se constitui na seguinte questão: **Qual é o impacto da micropolítica sobre o trabalho docente em Educação Física? De que forma o cenário escolar formado por sua micropolítica pode influenciar a Educação Física escolar e possivelmente ser influenciada por ela?**

1.2 Objetivos

1.2.1 Objetivo geral

Descrever e compreender as relações entre os docentes da Educação Física com os atores do cenário escolar no qual está inserido; identificando as interações que ocorrem e os arranjos que se formam.

1.2.2 Objetivos específicos

- Identificar as relações presentes entre os diferentes atores do cenário escolar do cenário escolar;
- Compreender as disputas e alianças existentes nas relações entre os diferentes atores do cenário escolar;
- Identificar as conformações que a Educação Física sofre e promove diante do cenário micropolítico escolar;
- Descrever as diferenças nos arranjos micropolíticos de duas escolas e seus diferentes efeitos sobre a prática pedagógica do professor de Educação Física

2 REVISAO DE LITERATURA

2.1 EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

A Educação Física escolar é muito mais ampla do que se imagina quando associada aos lugares que ocupou em sua história. Hoje ela é constituinte da grade curricular das escolas brasileiras, à qual foi consolidada ao se tornar componente curricular obrigatório da educação básica mediante a Lei de Diretrizes e Bases de 1996 (Lei 9394/96, art. 26, parágrafo 3). Formalizada e institucionalizada no Brasil com a criação da Escola Militar pela Carta Régia de 04 de dezembro de 1810 em muitos momentos tem sua história confundida com a dos militares e em 1939 através do Decreto-lei nº 1.212, artigo 131 que estabeleceu a Educação Física obrigatória em todas as escolas primárias, normais e secundárias da República (CASTELLANI FILHO, 1988).

Para entender como hoje temos uma disciplina chamada Educação Física é preciso saber, mesmo de forma resumida, a história do movimento humano e como ele se desenvolveu concomitantemente à cultura humana. O movimento inerente ao homem primitivo e contemporâneo se organizou ao longo da história humana em códigos e linguagens.

Vinculados diretamente a cultura, hoje denominamos esta sistematização da cultura corporal do movimento humano de Educação Física. Prova disto, Inezil Penna Marinho (198-²) remonta a história da Educação Física partindo da idade da pedra em que por vestígios encontrados pudemos supor sobre sua vida e forma de viver destes seres. Quanto aos movimentos produzidos nesta Era, eram com a finalidade de guerra e sobrevivência para caçar e fugir, de maneira informal e eram aprendidos de geração em geração.

Marinho (198-?) continua seu apanhado histórico relatando a forma com que diferentes culturas se relacionavam com o movimento entre elas, os chineses, os hindus, os japoneses, os egípcios, os caldeus e assírios, os hebreus, os medos, persas e fenícios das civilizações orientais e as civilizações ocidentais a grega e romana. A relação entre uma instituição educacional e a Educação Física, mesmo que limitada a pequenos jogos e atividades agrícolas, se estreita na civilização romana com forte influência da cultura grega, já que quase sempre o professor

² Conforme referência fornecida pela biblioteca da ESEF – UFRGS, década provável de edição.

denominado *ludi magister* era um escravo grego liberto, sendo ele oriundo da Grécia tinha contato, além dos famosos jogos, com um tipo de ginástica.

A Idade Média, Marinho (198-?) descreve como um período inexpressível para a Educação Física, já que havia um horror aos circos e aos jogos. Deve-se isto a religião desta época que enfatizava o descanso e o desprezo às coisas terrestres. As cruzadas nos séculos XI a XIII, que exigiram uma preparação, trouxeram à tona novamente os exercícios corporais. No renascimento a Educação Física se amplifica com publicações que promovem o desenvolvimento, nos tempos modernos, dos Métodos Ginásticos Sueco, Francês, Alemão e Dinamarquês.

Voltando ao Brasil, no século XIX a Educação Física:

[...] foi entendida como elemento de extrema importância para forjar daquele indivíduo “forte”, “saudável”, indispensável à implementação do processo de desenvolvimento do país, que saindo de sua condição de colônia portuguesa, no início da segunda década daquele século buscava construir seu próprio modo de vida. Contudo esse entendimento, levou a associar a Educação Física com à *Educação do Físico, à Saúde Corporal...* (CASTELLANI FILHO, 1988, p.39)

A Educação Física brasileira durante o século XX se desenvolveu sobre os alicerces lançados no século anterior sofrendo forte influência inicialmente militar e posteriormente a militar e esportiva. Podemos identificar na Educação Física do país no referido século três perspectivas que nortearam a Educação Física escolar: a educação higienista, a eugenista e desportiva. Se olharmos para a civilização grega e romana, perceberemos traços destas culturas nas perspectivas relacionadas, que por sua vez influenciam e influenciaram a Educação Física escolar.

A educação higienista foi um instrumento para construção do homem saudável para o trabalho. Sua fundamentação dá-se nos conhecimentos da anatomia e fisiologia do corpo e sua prática estava vinculada aos métodos ginásticos e a associação com a medicina deu a ela um *status* científico que através da sistematização de exercícios visava disciplinar corpos (CORRÊA E MORO, 2004).

A educação eugenista atribui ao conjunto de idéias higienista o princípio do melhoramento harmônico entre o físico e mental da raça brasileira. Após citar Rui Barbosa e Fagner de Azevedo, importantes expoentes, Castellani Filho (1988) elucida a idéia da Educação Física eugenista:

Destinava-se, portanto, à Educação Física, nessa questão da eugenia da raça, um papel preponderante. O raciocínio era simples: mulheres fortes e sadias teriam mais condições de gerarem filhos saudáveis, os quais, por sua vez, estariam mais aptos a defenderem e construir a Pátria, no caso dos homens, e de se tornarem mães robustas, no caso das mulheres. (CASTELLANI FILHO, 1988, p. 56).

Influenciada pelo esporte a Educação Física escolar nos anos 50 começa a adotar princípios como:

[...] rendimento atlético-esportivo, competição, comparação de resultados e recordes, regulamentação rígida, sucesso esportivo e sinônimo de vitória, racionalização dos meios e técnicas (BRACHT apud CORRÊA E MORO, 2004, p.97)

Traços da Educação Física desportiva estão enraizados até hoje na prática pedagógica, mesmo com o surgimento, a partir da década de 80, dos movimentos de críticas à Educação Física escolar, visando construir teorias para reorientar a sua prática. Estas teorias se agrupam em não-propositivas e propositivas. As propositivas são divididas em não-sistematizadas e sistematizadas (CORRÊA e MORO, 2004; CASTELLANI FILHO, 1998)

As pedagogias não-propositivas se caracterizam pelas abordagens fenomenológica (Silvino Santin), sociológica (Mauro Betti) e cultural (Jocimar Daólio) que fazem da Educação Física. As propositivas não-sistematizadas são caracterizadas por não apresentarem uma proposta sistematizada de currículo para os níveis escolares e suas abordagens são: a desenvolvimentista (Go Tani), construtivista (João Batista Freire), concepção de aulas abertas a experiências (Hildebrandt e Langing), abordagem a partir da referência do lazer, abordagem plural (Jocimar Daólio) e crítico-emancipatória (Elenor Kunz).

Já as propositivas sistematizadas se caracterizam pelas abordagens da aptidão física/saúde e crítico-superadora (Coletivo de Autores) estas sim apresentam propostas de currículos para a Educação Física escolar (CORRÊA e MORO, 2004).

Envolto a esse desenrolar histórico e cultural de conteúdos inerentes a Educação Física, no ano de 2000, partindo dos princípios definidos na Lei de Diretrizes e Bases o Ministério da Educação num trabalho conjunto com educadores de todo Brasil, propôs um novo perfil para a educação básica. Com um duplo propósito, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) têm por objetivos difundir

os princípios da reforma curricular e orientar os professores, na busca de novas abordagens e metodologia (BRASIL, 2000). Para o professor, os PCN's norteiam a prática pedagógica com relação aos conteúdos a serem desenvolvidos ao longo da educação básica definindo com maior precisão os territórios próprios da Educação Física e através dos eixos transversais que indicam os caminhos para o trabalho interdisciplinar. Sendo um componente curricular obrigatório a Educação Física escolar deve estar atrelada ao Plano Político Pedagógico da escola e dispor objetivamente de conteúdos passíveis de avaliação.

Inserido à Educação Física escolar está o professor de Educação Física que possui peculiaridades quanto a sua prática pedagógica, trabalho docente e até mesmo uma cultura própria a qual a literatura chama de cultura docente. Acessando estudos de Vicente Molina Neto (1997 e 1998), é possível vislumbrar a complexidade do trabalho docente em especial as peculiaridades da docência em Educação Física. Consoante a isto, Wittizorecki e Molina Neto (2005) argumentam que o professor em questão exerce um trabalho comum aos demais professores, porém singular em uma série de elementos.

O professorado de Educação Física realiza um trabalho nas escolas, ao mesmo tempo, comum àquele dos outros professores, em função da consonância com os propósitos da instituição escolar; e singular, em função da especificidade dos conhecimentos e das práticas da área. Tal especificidade pode ser facilmente visualizada na natureza dos espaços que os professores de Educação Física utilizam para sua intervenção, na peculiaridade dos materiais e recursos que esses fazem uso, no trato pedagógico com as manifestações da cultura corporal e com o movimento, e mesmo, nas relações que esses docentes estabelecem com outros professores e com o alunado (WITTIZORECKI e MOLINA NETO, 2005, p.52).

No mesmo estudo buscamos uma aproximação ao termo trabalho docente. Um panorama das atividades que o trabalho docente engloba é vital para discutirmos o impacto da micropolítica escolar sobre ele.

Dessa forma, concebemos o trabalho docente como o conjunto de atividades que englobam, para além das aulas que os professores ministram, a participação em reuniões e assembléias administrativas, pedagógicas e com a comunidade escolar; o planejamento, execução e avaliação de sua intervenção educativa; o atendimento aos pais ou responsáveis pelos alunos; a confecção e manutenção de materiais utilizados nas aulas; a organização e participação em atividades e eventos promovidos pela escola; o processo reflexivo que os docentes imprimem a partir de sua prática e o envolvimento e

participação nas atividades de formação permanente, tanto promovidas pelo gestor público, quanto naquelas buscadas por iniciativa pessoal (WITTIZORECKI e MOLINA NETO, 2005, p.53).

Infelizmente quando relacionada e comparada entre outras disciplinas a Educação Física dispõe de um *status* inferior e é vista com baixa relevância (WITTIZORECKI e MOLINA NETO, 2005; MOLINA NETO, 1998), isto na perspectiva dos demais atores do cenário escolar e muitas vezes na do docente da própria disciplina. Para Giroux (1997), o professor deve se preocupar com as questões que estão além da sala de aula e ter a consciência de que a escola é uma necessidade para nossa sociedade. Com estes dois princípios o professor terá condições de refletir e qualificar sua prática pedagógica e ao menos tentar transformar o cenário o qual está inserido, atuando como intelectual transformador.

Não apenas em relação a docentes de outras disciplinas nos diferenciamos, ou seja, o professorado da Educação Física pode diferenciar-se entre si quanto à formação, às experiências e práticas (MOLINA NETO, 1997). Isso certamente influencia na forma de reagir às diversas situações relacionadas ao processo de socialização que pode ser conflitivo ou adaptativo. Como elementos constitutivos da cultura docente o Molina Neto (1997) destaca: a experiência, a prática, a formação, os conhecimentos e as crenças do professorado.

Cada elemento citado caracteriza o docente e o conjunto deles contidos em um grupo de professores, o que configura a cultura docente que é tão variável quanto o número de grupos docentes que existem, conforme os estudos de Molina Neto (1998). Os estudos de Faria et al. (2010), mostram como a postura inovadora do professor impacta o desenvolvimento da Educação Física, sendo assim, os elementos da cultura docente ressaltados por Molina Neto (1997) ganham maior importância, pois eles podem guiar o professorado a uma adaptação ou ao conflito.

Frente a este percurso histórico da Educação Física e as tentativas teóricas que hoje persistem, no sentido de lhe conferir legitimidade pedagógica. É importante destacar que a cultura docente exerce destacada força no trabalho do professorado deste componente curricular no interior das instituições escolares. Na sequência, procuro examinar na bibliografia da área os elementos da micropolítica escolar e sua influência no fazer pedagógico dos professores.

2.2 MICROPOLÍTICA ESCOLAR

Quase desconhecida durante a graduação, o termo micropolítica escolar pode causar certa estranheza em alguns professores de Educação Física. Esse fato denota uma falta de atenção a este conceito não só no período de formação, mas da área acadêmica como já apontava Hoyle apud Ball (1989), em 1982. Após mencionar tal constatação, Ball (1989) diz que ao negar a importância da micropolítica escolar é condenar a investigação da mesma à deficiência. Bell apud Ball (1989) ressalta que ao trabalhar em uma escola o indivíduo descobre um cenário organizativamente mais complexo, menos instável e menos compreensível do que supunham.

Da mesma forma que em todo e qualquer ambiente social, na escola se estabelecem relações interpessoais. Estas relações não se desenvolvem de forma simples e consensual, guiando as relações de modo linear. Neste cenário os atores se organizam em grupos de interesses nem sempre explícitos, atuam de forma individual e/ou coletiva integrando o cenário geral. Estas relações e seus arranjos configuram a micropolítica escolar que não está isolada, mas sofre influências da macro política referente a outras instâncias da organização educacional (GONZÁLEZ, 1997) como, por exemplo, a SEDUC³: Secretária da Educação do estado do Rio Grande do Sul que determina o número de vagas por escolas e permite ou não a transferência de professores.

Antes de prosseguir definiremos a micropolítica escolar segundo Hoyle apud Ball (1989, p.35) que define micropolítica escolar como: *as estratégias com as quais os indivíduos e grupos que se encontram em contextos educativos tentam fazer uso de poder e influência, a fim de promover seus interesses*. Dito isso ressaltamos que apesar de inerente a diferentes grupos sociais a micropolítica escolar é peculiar.

No que diz respeito a sua especificidade é preciso esclarecer os elementos que a compõem, a fim de compreendê-la como também ressalta González (1997). No “DNA” da micropolítica escolar estão os conflitos, os diferentes interesses, ideologia, poder, participação e controle. Contudo estes conceitos foram apenas o ponto de partida dos estudos de Stephen Ball (1989). Estes elementos são primários e mais importantes em uma escola ao se comparar com as características da escola

³ SEC é a antiga sigla de Secretaria da Educação e Cultura do Rio Grande do Sul. Agora se intitula Secretaria da Educação (SEDUC), contudo a sigla SEC permanece sendo utilizada por equipes diretivas e professores.

(tamanho, região, procedência dos alunos) e estrutura física da mesma (BALL, 1989).

Parece ser o óbvio dizer que os sujeitos da micropolítica sejam os indivíduos que compõe o cenário escolar, mas não se configura apenas desta forma. Um grupo de interesse pode operar como um sujeito (GONZÁLEZ, 1997). O docente pode ainda se isolar das relações interpessoais, desenvolvendo apenas relações superficiais e operacionais, com os demais professores por diversos de fatores, como os apresentados por Faria et al. (2010). Desta forma não há participação do docente em nenhum agrupamento. Os que assim não procedem se reúnem por interesses comuns; os indivíduos se organizam em diferentes coalizões, estas alianças fortalecem os interesses comuns e favorecem o grupo na busca dos seus objetivos. Assim, o outro elemento desta coalizão é o poder (GONZÁLEZ, 1997).

Os grupos de interesses nas organizações escolares desenvolvem estratégias muito diferentes para atingir seus objetivos... A formação de coalizões, no entanto, não é a única estratégia que desenvolvem os grupos de interesses que existem na escola. A incompatibilidade, em termos de ideologia e propostas de ação, levará a dinâmica da micropolítica transcorra através de negociações pontuais ou através do enfrentamento e dinâmicas conflitivas. (GONZÁLEZ, 1997, p.51)

Para alcançarem seus objetivos estes grupos fazem uso de estratégias que inevitavelmente promovem interações com os demais grupos. Como recurso, os indivíduos fazem uso de sua autoridade que é formal e de sua influência que é informal, expondo assim o elemento chave já citado: poder, em suas dimensões básicas (HOYLE apud GONZÁLEZ, 1997).

A autoridade representa o aspecto estrutural, estático e formal do poder na organização, é o poder baseado na prerrogativa de tomar decisões que afetam os outros, sua fonte é exclusivamente estrutural (se tem autoridade por se ocupar um posto na hierarquia organizativa) e é unidirecional: de cima para baixo. Por outro lado, a influência representa o aspecto informal, tácito e dinâmico de poder na organização através dos meios informais, pode ser provenientes de diversas fontes e pode fluir em todas as direções: se influencia de baixo para cima, de cima para baixo ou na horizontal (GONZÁLEZ, 1997, p.52).

Os grupos de interesses estão inseridos a uma política escolar, a uma forma de gerenciamento da escola, que pode variar e guiar o desenvolvimento e

organização, ou não, destas relações. Quanto à forma de gerenciamento Stephen Ball (1989) diz que:

As vezes as escolas são dirigidas como se nelas todos participassem e fossem democráticas: há reuniões de pessoal, debates e dias de discussão que se convida os professores para se tomar decisões sobre políticas futuras (ainda que a realização de tais reuniões não é de modo algum indicador claro que haja participação democrática; ... Em outros momentos são burocráticas e oligárquicas, e as decisões se tomam – com pouca ou nenhuma participação ou consulta aos professores – o diretor e/ou a equipe administrativa. (BALL, 1989, p.26)

Ball (1997) cita ainda outros atores que participam da micropolítica escolar: os alunos, secretários, porteiros, auxiliares e outros. Estudos de Corrêa e Moro (2004) inserem o aluno como interferente na micropolítica escolar. Oliveira (2011) de forma mais clara mostra em seu estudo os meios pelos quais os estudantes aumentaram sua influência neste cenário, os meios relacionados pelo autor foram o Grêmio Estudantil e a Rádio Escolar. Também como forma de interferência o mesmo estudo relata a decisão tomada por um grupo de alunos de não fazer a aula de Educação Física e como punição retornam para a sala de aula. Como aponta o autor neste momento a disputa de poder entre estudantes e docente ficou clara.

Estamos diante de um complexo sistema de funcionamento que compreende todas as relações existentes em um cenário escolar a este dinâmico sistema de funcionamento da escola composto pelas estratégias empregadas por indivíduos ou grupos para alcançar seus interesses chamamos de micropolítica escolar. Sabendo isto e a partir da bibliografia referida, vemos que o modo no qual a micropolítica opera em uma escola pode influenciar o fazer do professor dando suporte ou não em conflitos, ampliando ou limitando os espaços físicos de atuação, os conteúdos desenvolvidos e a autonomia do professor. É possível pensar que uma das mediadoras que permite estas ampliações e limitações no fazer docente são as relações de poder que se estabelecem entre ele e os demais componentes do cenário escolar.

2.3 RELAÇÕES DE PODER

Inseridas à micropolítica escolar estão as relações que se estabelecem entre os sujeitos, podemos denominá-las relações de poder, pois o elemento chave que

integra as relações que estabelecidas em uma escola é o poder (GONZÁLEZ, 1997). A escola como instituição de ensino demonstra claramente a sua relação com os indivíduos que nela ela frequentam; sendo uma instituição estabelece, cria meios de controle, detém mecanismos de regular o funcionamento, ministra ensinamentos, forma mentes, determina regras (EIZIRIK E COMERLATO, 1995).

A distribuição dos indivíduos no espaço, mediante a cerca, o quadriculamento, a fila, forma um "quadro" real e ideal que permite identificar, classificar e controlar os indivíduos. O quadro é, assim, um processo de saber porque permite classificar e verificar relações. É uma técnica de poder, porque permite controlar um conjunto de indivíduos. O controle das atividades é feito mediante o horário, que induz os indivíduos a se dedicar e a cumprir fielmente o que foi predeterminado. Além, disso, para obter maior eficácia e rapidez, a disciplina impõe uma relação entre um gesto e a atitude global do corpo, assim como entre o gesto e o objeto. Tal eficiência aumenta na medida em que tal "manobra" respeita e incorpora as exigências e o comportamento natural do corpo. (FLEURI, 1996 apud GIRAUD E CORRÊA, 2009, p.5).

Ball (1989) ao relacionar os componentes mais importantes da micropolítica escolar cita o poder, contudo ao fazer uma detalhada argumentação item por item, não dedica a este uma seção específica. Portanto o elemento poder permeia e se faz presente em todas as seções dedicadas, respectivamente: ao controle, diversidade de metas, ideologia e conflitos.

Quanto às relações de poder que se estabelecem na escola, a partir das afirmações referidas, podemos dizer que elas se desenvolvem em dois vetores de vias duplas. Um, destes vetores se estabelece entre todos os atores do cenário escolar e o outro que se firma entre a escola e a sociedade, na qual está inserida.

Giraud e Corrêa (2009) mencionam que a partir de estudos de WEBER, BOURDIEU e PRATA o elemento poder possui aspectos visíveis, quando a dominação de um sujeito sobre outro se torna nítida, por exemplo. E possui aspectos invisíveis a olho nu, sob a forma de poder simbólico, às vezes no inconsciente e subliminar. Respectivamente o último autor entende o poder como uma cadeia não esta em um lugar definido, mas circula com os sujeitos. "Ele está e se dá nas relações de diferentes modos" (GIRAUD e CORRÊA, 2009).

A hierarquia (Figura 2), citada por diversas vezes no estudo de Botler (2010) que teve por finalidade analisar a cultura e as relações de poder na gestão escolar, é uma marcante expressão das relações de poder que se estabelecem na escola.

Este mesmo estudo aponta para a idéia de uma pirâmide e uma escala de poder que possui em seu topo o(a) diretor(a), um modelo centralizador. Está idéia fica clara no discurso de professores e pais de alunos que ao reconhecerem autenticam a escala de poder. Sobre o poder na cadeia hierárquica presente na escola, Giraud e Corrêa (2009) dizem:

Ele está apoiado em normas regimentais e em ordens vindas dos órgãos administrativos do sistema de ensino, que se fundamentam nas leis, decretos e resoluções, consubstanciados sobremaneira no Regimento Escolar e nas práticas distantes do Projeto Político Pedagógico (GIRAUD E CORRÊA, 2009, p.6537)

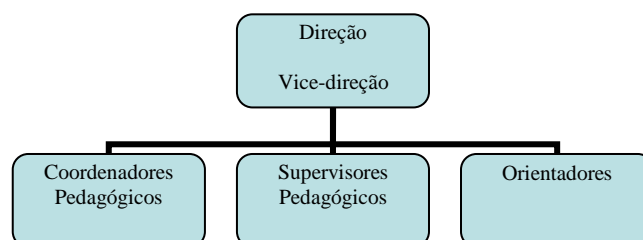
Eizirik e Comerlato (1995) argumentam após observações em uma escola que:

O espaço escolar expressa uma hierarquia em sua organização. Temos salas específicas para pessoas determinadas. E a essa distribuição dos indivíduos e a criação de um espaço disciplinar, que impede a circulação difusa dos corpos e os faz penetrar em uma rede de relações (EIZIRIK E COMERLATO, 1995, p.55).

Botler também aponta para as políticas educacionais que legitimam e reforçam este tipo de modelo hierárquico centralizador assim como o reconhecimento dos pais e professores, já apontado anteriormente.

Entretanto, a lógica sistêmica não considera efetivamente o processo paralelo de formulação de novos sistemas de valores necessários à incorporação das novas práticas. Nesse sentido, o modelo instituído pelas políticas educacionais, reforça e legitima relações hierárquicas e de dominação a elas associadas, bem como dissimula as contradições existentes entre as diferentes classes sociais. (BOTLER, 2010, p.189)

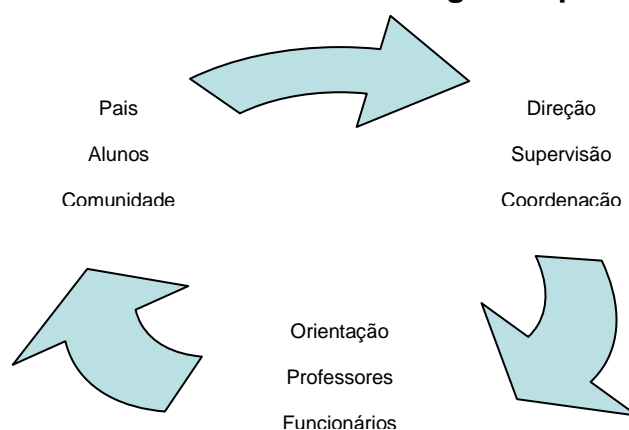
FIGURA 2 – Hierarquia tradicional da organização escolar



Porém a postura da gestão pode ser diferente ao adotar uma gestão participativa (Figura 3) que se desenvolva de forma horizontal (BOTLER, 2010).

Conforme traz Ball (1989) que cita o exemplo de reuniões para tomada de decisões que explicitam um modelo de gestão participativa. Às vezes, ainda, a democracia da escolha dos diretores, contexto em que a frase é extraída, é vista com descrédito: “um jogo de cartas marcadas”⁴ (BOTLER, 2010).

FIGURA 3 – Dinâmica da gestão participativa



Fonte: Arquivo pessoal do autor.

Não é tão simples como as figuras 2 e 3 demonstram, o sistema pode ser muito mais complexo e é preciso salientar que em ambos os modelos o poder está presente, mas a sua manifestação, a forma que ele se distribui e seu movimento é diferente. O modelo de organização pode aparentar ser participativo e não ser, ou ainda em um modelo guiado pela autoridade pode haver espaço para a participação (BALL, 1989). Este não é um sistema fechado isolado de intervenções externas, ou ainda, novas configurações, novos arranjos internos (BALL, 1989) como, por exemplo, a saída de uma supervisora influente.

Dois termos que refletem modos diferentes que as relações de poder se desenvolvem e opera-se com o poder são a coesão e a coerção (BOTLER, 2010). O primeiro termo refere-se a uma influência exercida com harmonia, associação íntima (PRIBERAM, 2013) em acordo mútuo diz Botler (2010) com base em ARENDT⁵. O segundo refere-se a uma influência exercida com repressão (PRIBERAM, 2013). Apesar de Eizirik e Comerlato (1995) se dizerem baseadas em Foucault, que a coação não existe em uma relação de poder, pois o poder é um modo de ação sobre “sujeitos livres”, onde não existe liberdade não existe relação de poder (EIZIRIK E

⁴ Citação referente-se a fala extraída do discurso de um professor, apresentada no estudo de Botler (2010).

⁵ Salienta-se que a obra não foi consultada.

CORMERLATO, 1995), podemos relacionar estes termos com os apresentados por González (1997), já discutidos, “autoridade” e “liderança”.

A coesão é uma via de negociação que torna a escola um cenário participativo e uma via de solucionar conflitos de forma eficaz levando em consideração a comunidade e respeitando sua cultura. Pois é na convivência dos sujeitos que se estabelecem as relações de poder (BOTLER, 2010).

O poder está relacionado intimamente com o saber, não são apenas os cargos e funções exercidas em uma escola que são hierarquizados, mas também os saberes e capacidades (EIZIRIK E COMERLATO, 1995). Existe um “senso comum” sobre a relevância dos saberes que leva a configuração, mesmo que imaginária, de um escalonamento dos saberes e o seu grau de importância.

A Educação Física por vezes entendida como uma disciplina sem conteúdo formal. É agrupada enquanto área de conhecimento nos Referenciais Curriculares Estaduais, no bloco denominado Linguagens Códigos e suas Tecnologias que compreende também Língua portuguesa, Literatura e Artes. Considerando a hierarquia *imaginária* este bloco possui a disciplina de Língua Portuguesa como “cabeça de chave”, seguida da Literatura, ambas, disciplinas que têm um corpo teórico consagrado e consensual na comunidade escolar e que exigem um intenso empenho para sua compreensão e aprendizagem.

Chega-se a conclusão, por inferência, que a disciplina de Educação Física não requer estudos e está juntamente organizada com a disciplina Artes. As duas disciplinas estão mesma condição quanto ao conteúdo teórico e seus conteúdos possuem dois eixos o saber sobre o saber fazer – teoria – e o saber fazer – prática. Essa hierarquização pode interferir na progressão de um aluno, nos investimentos em qualificação dos professores, em materiais e em projetos com ênfase nas disciplinas “menos importantes”, por exemplo.

Sabendo que a micropolítica escolar é dinâmica e não estática, são as relações de poder que lhe conferem este movimento (PRATA apud GIRAUD E CORRÊA, 2009). Pois apesar de existirem mecanismos de centralização do poder este não é estático detidos por uns e utilizado por outros e sim circula podendo ser operado por qualquer sujeito do cenário escolar (EIZIRIK E COMERLATO, 1995). Toda a amplitude de relações existentes, às vezes, são invisíveis e inconscientes (BOURDIEU apud GIRAUD E CORRÊA, 2009), algumas vezes nítidas (WEBER apud GIRAUD E CORRÊA, 2009) perceptíveis a partir da imersão neste cenário e

talvez nem assim percebamos dada a sua complexidade e por serem carregadas de intencionalidade, impregnada de ideologia e uma dimensão política e ética (RUIZ, 1997).

Geralmente em uma escola que possui professores do Ensino Fundamental de séries iniciais, unidocentes, e séries finais ou do Ensino Médio, por disciplina, no intervalo do turno de trabalho, visualizamos uma estratificação e organização dos sujeitos na sala de professores em: Professores de 1° a 6° anos, professores de área que podem se subdividir e se agrupar em professores da mesma área, professores das séries iniciais e professores que transitam entre os grupos.

Num segundo momento após a entrada dos alunos para suas salas de aula é que a gestão pedagógica e a administrativa fazem o seu intervalo, caracterizando uma segunda estratificação (supervisão, orientação pedagógica e direção). Estes estratos relacionam-se entre si e com a ampla comunidade na qual a escola se insere, também estas relações com a comunidade são carregadas de intenções. Weber apud Giraud e Corrêa (2009) esclarecer o conceito de poder que pode ser compreendido como *“(...) a possibilidade de que um homem, ou um grupo de homens, realize sua vontade própria numa ação comunitária, até mesmo contra a resistência de outros que participam da ação”*.

Articulando os conceitos e assuntos abordados até aqui partiremos da Educação Física, disciplina que se legitimou historicamente e se insere na grade curricular das escolas que contam com professores habilitados em sua especificidade para ministrar essa disciplina que visa dar subsídios ao aluno para que ele entenda e interprete as manifestações da cultura corporal do movimento que integram a sociedade.

Os professores de Educação Física, por sua vez, estão inseridos no cenário escolar podendo se organizar em grupo, através de alianças, ou atuar individualmente para alcançar os próprios objetivos ou os do grupo. Com esse intuito são traçadas estratégias que configuram assim a micropolítica escolar. Estas estratégias se desenvolvem mediante as relações, que por estarem carregadas de intencionalidades, caracterizam-se em relações de poder entre os diversos atores do cenário escolar, entre eles o Professor de Educação Física o seu trabalho docente que compreende desde ministrar aulas até participar de reuniões de professores, com pais ou equipe pedagógica.

3 METODOLOGIA

3.1 CARACTERIZAÇÃO DA INVESTIGAÇÃO

O trabalho caracteriza-se como um estudo qualitativo. Portanto visou observar, registrar analisar e correlacionar fenômenos ou fatos de determinada população, sem interferir no ambiente analisado. Consiste na análise e descrição de características e certas propriedades e as relações entre estas propriedades em determinado fenômeno (GIL, 2002).

3.2 PARTICIPANTES DO ESTUDO

Este estudo realizou-se em duas escolas da rede estadual localizadas na cidade de Porto Alegre: uma no bairro São Geraldo e a outra no bairro Partenon. Estas escolas foram escolhidas em função do vínculo construído durante a realização dos estágios obrigatórios, tanto no nível do Ensino Fundamental, como no do Ensino Médio. Esta escolha se justifica pela minha ambientação com o cenário escolar, a acessibilidade aos locais e aos colaboradores, o que é fundamental para o trabalho de campo e a obtenção de informações.

Ambas atendem uma clientela oriunda do próprio bairro e adjacentes nos turnos da manhã e tarde, sendo que a primeira atende em torno de setecentos e trinta alunos no Ensino Fundamental e a segunda atende em torno de mil e quinhentos alunos nos níveis fundamental e médio. Aparentemente as classes sociais atendidas pelas escolas também são distintas sendo que a primeira atende uma clientela com poder aquisitivo maior percebido pelas roupas dos estudantes e pela quantidade de lotações escolares na hora da saída e entrada de cada turno. Durante a entrevista com a professora Cândice foram citadas outras duas escolas as quais decidi utilizar no estudo, a fim de enriquecê-lo, contudo os dados relativos a estas escolas estão restritos à entrevista.

Os nomes dos colaboradores e das escolas, em que foquei meu estudo, serão mantidos em sigilo, de modo a preservar as identidades dos mesmos. Nesse sentido, utilizei os nomes fictícios de IEE Camaquã e EEEF Guaíba para as escolas participantes do estudo e os nomes escola Porto Alegre e escola da Vila para as escolas citadas apenas durante a entrevista. Os colaboradores são professores estatutários ou contratados, formados em Educação Física que atuaram na área e

exercem ou não a docência no momento. Todos possuem mais de dois anos de atuação na escola. Possuem experiências em outros cenários escolares, público e privado, e também em campos de atuação da Educação Física que não a escola. A faixa etária, a ênfase na formação acadêmica e tempo de atuação na área são variados.

Nomes	Escola	Carga Horária	Tempo na escola	Função
Lia	EEEF Guaíba	40 horas	13 anos	Professora de Educação Física exercendo atualmente a função de Secretária
Cândice	EEEF Guaíba	32 horas	3 anos	Professora de Educação Física
Rute	IEE Camaquã	40 horas	9 anos	Professora de Educação Física

3.3 INSTRUMENTOS E MATERIAIS NA COLETA DE INFORMAÇÕES

Esta pesquisa é de corte qualitativo e se centrará em descrever, analisar e interpretar a partir das informações recolhidas durante o processo de investigação. Me propus a investigar relações e comportamentos complexos presentes no âmbito escolar sem pretensão de generalizar as inferências produzidas durante todo o processo (MOLINA NETO e TRIVIÑOS, 1999).

Foram utilizadas como ferramentas de investigação a observação em forma de diário de campo e a entrevista semiestruturada. A observação nos possibilitou perceber informações suprimidas ou ocultas aos colaboradores, participantes da pesquisa. As entrevistas me permitiram coletar informações desprezadas ou ocultas ao olhar dos pesquisadores. A opção pela entrevista semiestruturada se deu pela sua flexibilidade que me permitiu realizar explorações não previstas.

Quando fazemos uso de entrevista “semi-estruturada”, por um lado visamos garantir um determinado rol de informações importantes ao estudo e, por outro, para dar maior flexibilidade à entrevista, proporcionando mais liberdade para o entrevistado apontar aspectos que, segundo a sua ótica, sejam relevantes em se tratando de determinada temática (MOLINA NETO e TRIVIÑOS, 1999).

3.4 PLANO DE COLETA DE INFORMAÇÕES

Fui apresentado à direção dos estabelecimentos de ensino visitados e aos colaboradores pelo professor orientador, Dr. Elisandro S. Wittizorecki, em nome da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, com a devida explicação da natureza e finalidade da pesquisa e exposição dos seus objetivos. Apresentei aos colaboradores o termo de consentimento livre e esclarecido (Apêndice A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido) para a gravação e utilização dos dados fornecidos mediante a entrevista e agendamos as entrevistas para dias e horários confortáveis para os colaboradores.

Para a coleta de informações nas entrevistas semiestruturadas, foi utilizado um roteiro de questões (apêndice B). Primeiramente perguntei-lhes sobre dados pessoais referente ao nome, formação, atuação na área e tempo na escola para ambientar o colaborador, diminuindo o estranhamento, e para certificar-me da qualidade de gravação.

3.5 TRATAMENTO DAS INFORMAÇÕES

Após a coleta de dados, iniciei a construção da discussão dos resultados através da análise de conteúdo correlacionando com os autores utilizados no referencial teórico. Ao longo da análise busquei construir categorias de análise de forma a construir argumentos e interpretações que permitissem responder o problema e as questões de pesquisa.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DAS INFORMAÇÕES

4.1. Relações presentes entre os diferentes atores do cenário escolar do cenário escolar

O presente estudo me permitiu entender e mapear algumas das relações existentes no cenário escolar bem como a estrutura organizacional destas escolas. Meu objetivo a partir do entendimento e mapeamento das relações na escola é entender a influência destas relações sobre o trabalho docente, especificamente, do professor de Educação Física.

As relações na escola apresentam elementos peculiares que os estudos visitados, durante a revisão de literatura, me permitiram identificar durante a construção da pesquisa de campo, entre outros elementos que discutiremos ao longo desta seção identifiquei o elemento controle. O controle se estabelece desde uma perspectiva macro quando é a escola como instituição que exerce controle sobre alunos, professores e demais membros da comunidade escolar (EIZIRIK e COMERLATO, 2004), e micro quando são os professores, direção, supervisão, orientação e demais atores que exercem controle uns sobre os outros. O controle como elemento da micropolítica escolar identificado através deste estudo corrobora com os achados de Ball (1989) e González (1997).

O controle presente nestas relações pode afetar o trabalho docente do professor de Educação Física, por exemplo, quando existe um mecanismo de controle das chaves que limita o acesso do professor a determinados espaços⁶. O controle pode ainda afetar positivamente o trabalho docente quando evita que alunos de outras turmas invadam a aula de Educação Física que geralmente ocorrem em espaços de livre acesso, como salienta a professora Cândice na próxima fala.

A escola Guaíba é a mais organizada de todas que eu já trabalhei. De verdade, funciona bem certinho, em termos de professores e horários. Nunca liberam alunos antes se falta professor sempre tem alguém que vai pra sala de aula (...). (professora Cândice, EEEF Guaíba)

⁶ O exemplo citado foi identificado em uma de minhas visitas de campo e foi devidamente registrado no diário de campo.

Falando da organização da escola na qual trabalha a professora Cândice, além de relacionar a organização ao cumprimento de horários, a colaboradora também veicula o termo ao controle dos alunos e em outro momento, na segunda fala, ao controle do cumprimento dos horários por parte dos professores.

A vice-diretora da manhã já é mais harmoniosa. Ela diz assim: já bateu gente, eu vou tocar aqui ou vocês vão pra sala de aula. Eu não preciso ficar repetindo que deu o sinal, que acabou o recreio e que tem gente que precisa ir para sala de aula. (professora Cândice, EEEF Guaíba)

Pude identificar nesta fala também o que demonstrou em seu estudo Eizirik e Comerlato (2004), um mecanismo de controle, a vice-direção, que controla a entrada dos professores para suas respectivas salas. As vices, em especial a vice-diretora da manhã, professora Queila, são referência quando existe algum problema de disciplina na EEEF Guaíba. A escola Guaíba opera ainda com outros mecanismos de controle que se evidenciaram como, por exemplo, chamar os pais na escola, mandar um bilhete que deve voltar assinado e encaminhar para a orientadora pedagógica ou outros atores deste cenário como direção, vice-direção, supervisão que também atuam com posturas controladoras. Este controle é exercido no sentido disciplinar, execução de tarefas exigidas e cumprimento das regras internas estabelecidas.

Como também observaremos no relato da professora Rute ao falar das cobranças no ambiente escolar, ela aponta quem em sua escola, IEE Camaquã, cobra dos professores o cumprimento dos horários.

Estas coisas têm que existir e são faladas, que é para a gente melhorar, crescer e aprender, pois nós estamos num eterno aprendizado mesmo no final de carreira. E nós somos seres humanos e falhamos. E realmente nós temos que ter uma pessoa. Olha se a diretora chega cedo, e ela está aqui sempre cedo, ela tem o direito de cobrar dos professores. Ela chega às sete horas na escola e abre a escola. Por que os professores não vão estar aqui antes das sete e meia? (professora Rute, IEE Camaquã)

Tais argumentos e a contribuição da professora Rute nos fazem perceber as relações de poder que se estabelecem na escola como apresenta González (1997) e Eizirik e Comerlato (2004). González (1997) diz que estas, são relações de poder, porque o poder é o elemento central destas relações. Na relação estabelecida entre

direção e professores vemos ainda que postura adotada pela direção confere-lhe o direito de efetuar o controle se colocando como operador, momentâneo, do poder.

A direção citada pela professora Rute e a supervisão citada pela professora Cândice atuam de forma semelhante ambas são autorizadas por elas a efetuarem cobranças e através destas estabelecem, o controle. E este é fortalecido por aspectos comuns entre diretora e a supervisora e são eles a antiguidade e o perfil centralizador. Ao longo das entrevistas os professores citaram diversas vezes o acúmulo de funções exercidas pela diretora da escola Camaquã e pela supervisora da escola Guaíba. Neste relato a professora Cândice além de evidenciar que a tarefa relacionada à manutenção também fica a cargo da supervisora Bete, nos elucida sobre as alianças que se formam nestas relações como apresenta a literatura pesquisada (RUIZ, 1997; GONZALEZ, 1997; BALL, 1989).

A Diretora faz muita coisa, mas o braço direito dela é a Bete que é supervisora pedagógica. Então ela tem uma noção geral. Assim, quebrou um vidro tal, cobram dos alunos, tem o dinheiro, aí vai lá arruma o vidro. Se não, numa escola do estado é assim tu tens que tem uma licitação. (professora Cândice, EEEF Guaíba)

A professora Lia falando a respeito da organização dos horários na escola Guaíba relata que a supervisora abarca essa tarefa por seu saber, conhecer sobre os professores. Faço, a partir desta fala, a relação existente entre saber e poder apontada por Eizirik e Comerlato (2004).

Quem faz a organização do horário é a Bete em função de que ela tem contato com todos os professores, e sabe também das possibilidades do professor, em que dias, quais são períodos que podem e não podem. Então, tudo isso leva um bom tempo, vamos dizer que leva no mínimo um mês, um mês e meio até se ajustarem todos os horários (professora Lia, EEEF Guaíba)

A professora Cândice ao falar da organização dos horários na mesma escola Guaíba que mesmo sendo duas as supervisoras uma em cada turno essa tarefa é realizada por uma delas, a Bete. A supervisora opera neste momento com o poder nas relações devido o seu saber e por sua antiguidade, outro aspecto que identifiquei ser valorizado nas relações escolares.

Não sei se a Bete é da manhã ou da tarde. Acho que ela é só da tarde. É que ela andava de licença prêmio. Aí entrou a Priscila, também. Eu não sei se a Bete está ainda ou está emprestada ou se a Pri é meio turno e meio turno sala. Eu acho! E a Bete fica à tarde.

(...) como a Bete é mais antiga e tem mais manejo com tudo isso. E qualquer problema que tu tem com mãe, com pai, tu tem a Pri a Luciane ou a Bete e a Mara pra conversar. Bem tranquilo assim, igual um colégio particular. (professora Cândice, EEEF Guaíba)

Já na escola Camaquã, como na fala a seguir, essa tarefa é executada pela Diretora assim como as da área disciplinar, relações com a SEDUC e a Gestão administrativa. Sendo esta postura condizente com um modelo de estruturação centralizador, apontado por Botler (2010).

Ela, tudo ela. Ela organiza todo o horário, professores, funcionários, pedagógico e é claro dentro da disponibilidade que nós damos para ela. O pessoal de quarenta horas. Ela sabe que os professores tem que dar trinta períodos quais são os dias, pois tem professores que trabalham em outras escolas. Ela tenta organizar melhor para todo mundo e o pessoal de monitoria de limpeza tem que cumprir oito horas de trabalho. (professora Rute, IEE Camaquã)

Ball (1989) faz referência a entrada ou saída de determinado membro da organização escolar, isto, em outras palavras, é uma mudança no arranjo escolar que podem ocorrer em relação a qualquer um dos membros das escolas e podem afetar a micropolítica e por consequência afetar também os trabalho docente do professor de Educação Física. Que arranjos seriam estes e quais as possíveis configurações? A professora Rute elenca de forma sucinta alguns dos integrantes deste arranjo escolar.

Temos então a diretora, temos dois vices diretores na escola um que trabalha de manhã e outro que atende o turno da tarde. Temos toda equipe educacional, completa, orientadora educacional, supervisora e temos os monitores. (...) Temos os vices-diretores. Os vices-diretores um vice da manhã e outra professora vice-diretora da tarde. (...) Temos uma colega que faz só da parte da administração, no caso, financeira. E temos o pessoal da limpeza. (...) E temos o pessoal da cozinha, da merenda escolar e do refeitório. Temos quatro merendeiras. (professora Rute, IEE Camaquã)

A professora Lia, que no momento não leciona a disciplina de Educação Física sendo reposicionada para o cargo de secretária, devido um problema de saúde. Sua história na escola é prova de uma reorganização e reposicionamento e mudança no arranjo escolar. Em outro momento a atual secretária lecionou a disciplina de Educação Física e posteriormente assumiu o cargo de vice-diretora da EEEF Guaíba, o que configurou em cada mudança de função uma alteração no

arranjo escolar, que mudou até mesmo quando houve o seu afastamento para tratamento médico.

No próximo relato ela nos explica o funcionamento de uma escola quanto aos cargos e tarefas a partir de sua ampla experiência na escola Guaíba. Identifiquei neste trecho que nas relações escolares existem divisões de tarefas, uma rede de apoio em uma perspectiva sistêmica além de indícios de uma hierarquia existente, gerados pela forma com a qual a professora ordenou o seu relato e sua metáfora.

A direção cuida da parte financeira, principalmente. Vamos dizer que seria a "dona da casa", com vários empregados que tem cozinheiro, que tem copeiro... Então a dona da casa é a direção (...). A equipe diretiva, nós temos a diretora, que no caso é a responsável por tudo que a escola precise fazer, ou que precise se engajar em alguma campanha, qualquer assinatura, tudo tem que sair com a assinatura da diretora. Então ela o ponto, assim, final, no caso, e inicial de tudo. Depois nós temos as vice-diretoras, que dão suporte pra direção, são responsáveis pelos seus turnos, uma de manhã e outra à tarde. Então elas ficam responsáveis por qualquer situação que tenha que ser tomado alguma decisão rígida, alguma coisa assim, tem que resolver o problema naquele seu horário, então é com elas. Se der problema de disciplina, vazamento, qualquer ordem, passa por elas. Depois delas nós temos a parte da coordenação pedagógica (...). Manhã e tarde também, a Bete é mais pela tarde, e a Mara pela manhã, e elas trabalham, a coordenação trabalha com direção, aluno, professores, faz o meio de campo geral pra que tudo caminhe bem dentro da escola, pra que cada um consiga desempenhar suas funções, e claro, sempre procurando fazer da maneira mais objetiva e mais pontual, porque daí cada um não vai poder fazer o que bem entender e é o elo entre o professor e direção, professor e secretaria, assim quando o professor precisa de algo da secretaria, passa pela coordenação. Depois nós temos os serviços do SOE, que é o Serviço de Orientação Educacional. Nós temos uma orientadora pela manhã, professora Priscila, e à tarde a professora Luciane. Função delas é todo problema com aluno de disciplina, principalmente, que e o que mais dá. Problemas de disciplina, de aprendizagem, ela vai tentar investigar porque aquele problema e tentar dar o encaminhamento certo. Muitos precisam de psicólogo, psicopedagogo, alguma coisa mais assim, então nós ficamos sempre nesse "meio de campo" que a gente fala. (professora Lia, EEEF Guaíba)

Contudo, as escolas às vezes lidam com a falta de membros das diferentes Equipes administrativa, pedagógica, de professores e funcionários. A professora Cândice relata como em outra escola, Porto Alegre, funcionava com a defasagem dos recursos humanos e também como a escola Guaíba lidava com esta situação.

Agora não tem funcionária da limpeza, saíram as duas, mas então, a Ester que é da manhã, os alunos mesmo ajudam e se organizam, todos os professores coordenam pra cada aluno ou último professor

da sala dar uma varridinha na sala. Para manter a limpeza, funciona muito bem. Na escola Porto Alegre isso nunca acontecia, nas ficamos seis meses sem o pessoal da limpeza e uma mãe um dia foi varrer a escola e nós, professores, contratamos uma faxineira pra limpar os banheiros, por que não dava. (professora Cândice, EEEF Guaíba)

Para manter a escola limpa e organizada, os diferentes atores, destes distintos cenários, nos quais esta professora trabalhou, criaram estratégias diferentes para lidar com uma situação comum às duas escolas. No trecho a seguir falando da escola Porto Alegre apresenta um arranjo sem vice-direção e supervisora pedagógica.

Os alunos reclamavam: Como que eu estava lá e os outros não se mexiam. Dependia o dia. E mesmo quando a vice. Não tinha vice de tarde e não tinha supervisora só tinha a diretora. E a manhã que tinha supervisora também era assim, era uma dificuldade horrível. Criou-se o hábito de ser uma terra sem lei de não ter horário pra chegar. Chegar duas da tarde e não acontecer nada. Tu registrares teu período e não dar um período não dar nada. (professora Cândice, EEEF Guaíba)

Existem semelhanças entre as escolas estudadas quando olhamos para a estruturação por cargos com uma pequena variação, contudo quanto à estruturação por tarefas e funções a variação se amplia. Na escola Guaíba, como vimos em fala anterior da professora Cândice, a supervisora pedagógica acumula sobre si funções de cunho administrativo. E como veremos na fala da professora Rute, a direção da escola Camaquã assume funções de cunho pedagógico o mesmo que acontece com a vice-direção da escola Guaíba.

Quando eu necessito de apoio e eu busco, eu sempre tenho. Hoje que eu estava trabalhando com os alunos, questões de mini-circuito e alguns alunos de outra sala que saíram para devolver os livros quando retornaram, ficaram na sacada e dois pegaram o celular e começaram a filmar e um aluno disse: professora eles estão filmando, tirando foto da aula e eu não quero isso. E eu me virei e o que eu disse: Podem entrar para a sala que daqui a pouco eu vou aí com a diretora. E terminei a aula aqui e vocês não se preocupem e vocês vão exatamente, eu vou fazer exatamente o que eu falei. Por que eu tenho um aluno do segundo ano que ele tem uma sexualidade aflorada e foi bem na hora que estavam os três meninos lá. Não teve dúvida, terminou a aula. Maria! (...) Fui lá, na direção, podes vir comigo, vamos? Entramos na sala da professora de Inglês, perguntei por que aqueles alunos estavam fora, ela explicou que havia solicitado que eles devolvessem alguns livros e aí a direção já resolveu a questão, já olhou o celular dos alunos, e já falou que isso não vai mais acontecer que existe toda uma legislação. Então,

acontece! Nós temos que resolver o problema na hora, se ela não estivesse estaria o vice-diretor, estaria o pedagógico ou eu iria entrar na sala com a licença do professor, iria tirar aquele aluno ia vir pra sala e ia conversar (professora Rute, IEE Camaquã).

Neste trecho da entrevista da professora Rute existe uma riqueza de detalhes das relações escolares. Podemos visualizar a relação da professora com a direção, com outra professora, com alunos e na possibilidade de buscar apoio em outros membros, estabelecer uma relação com na vice-direção e equipe pedagógica composta como anteriormente falado de supervisão e orientação.

O poder é um elemento que segundo González (1997) é central nas relações na escola e é um dos elementos que permeia toda esta fala. Quem opera com ele neste caso é a professora de Educação Física que se autoriza através da presença da direção a entrar e interromper a aula de outra professora, posteriormente a direção faz uso do poder por um saber legislativo corroborando com os estudos de Eizirik e Comerlato (2004).

Neste cenário em que o elemento central das relações é o poder, podendo ser operado pelos diversos atores deste cenário entre eles o professor de Educação Física que juntamente com a direção, vice-direção, equipe pedagógica, monitores, funcionários e demais professores são os atores do cenário. Os diferentes posicionamentos destes atores formam diferentes arranjos com elementos micropolíticos comuns como o controle, para tanto surge a necessidade de estabelecer estratégias e mecanismos para deter o controle entre outras estão o estabelecimento de alianças entre estes atores e os conflitos resultantes de disputas.

4.2. Disputas e alianças existentes nas relações entre os diferentes atores do cenário escolar

Explorando um pouco mais a fala da seção anterior podemos ver uma estratégia, aliança professor-direção, para um determinado objetivo configurando assim o que segundo Ball (1989) é a micropolítica escolar. E essa estratégia é bastante comum também na escola Guaíba como observamos em diferentes partes da entrevista da professora Cândice as alianças entre escola e empresa privada, vice-direção e funcionária, direção e professores, escola e cônjuges das professoras, escola alunos e escola com a comunidade.

O ginásio foi todo pintado, aí tem uma participação com projetos que é com a Empresa. Aí a Empresa forneceu, este ano, que ela explicou. A Empresa tinha um dinheiro para vários projetos da escola, aí deu dinheiro pra comprar os tecidos. A Ester e a Queila se ofereceram pra cortar e costurar todas as cortinas da escola com esse dinheiro. Tudo. Aí as professoras acharam que as salas estavam feias, a diretora entrou com a tinta e os maridos vieram aqui com as professoras e pintaram suas salas. E o que faltou, era muito difícil ai não teve... Tem muito envolvimento, me lembra escola de interior, que tem essa questão de se preocupar com a escola. Aí pediram, era aniversário da escola de noventa e nove anos, então pediram que cada aluno trouxesse material de limpeza pra ajudar a escola e a comunidade ajuda. Porque é uma escola boa. Exatamente neste sentido e funciona bem. E aí eu acho que é uma questão da gestão por que isso na Porto Alegre não acontece. (professora Cândice, EEEF Guaíba)

As alianças percebidas amplamente neste momento da entrevista da professora Cândice também o que é demonstrado por Ball (1989), a diversidade de metas e a participação que culmina na aliança entre professoras e diretora. Os responsáveis pela gestão desta escola estabeleceram diversas alianças com a empresa privada, com os professores e com a comunidade de pais e alunos. Ao final a professora aponta para a realidade da escola Porto Alegre a qual é marcada pelo individualismo como já discutimos anteriormente.

Os estudos de Ball (1989), González (1997) e Ruiz (1997) apontam para a formação de grupos de interesses que estabelecem alianças para atingir seus objetivos dentro de uma diversidade de metas existentes. A partir da análise de conteúdo, nas três entrevistas realizadas, foi possível compreender que a aproximação dos atores deste cenário se dá por afinidade que entendemos derivar de uma compatibilidade de idéias e objetivos semelhantes. Vejamos o que as professoras Lia, Rute e Cândice respectivamente falam a respeito da formação de grupos de interesses, coalizões.

Isso é em tudo que é lugar. Aqui não é aquela velha da física que "os opostos se atraem", não, aqui os iguais é que se atraem, então, numa sala de professores na hora do recreio tu vai notar que tem a turma da educação infantil, vamos dizer assim, ou seja, existe exatamente assim: professores de área, e professores de currículo. (professora Lia, EEEF Guaíba)

Inerente do ser humano. (...) Mas eu acho que por questões assim como a afinidade o pessoal das séries iniciais, o pessoal do fundamental, séries finais e o pessoal do médio. Acaba acontecendo. A discussão de projetos de avaliação é diferenciada um do outro. (...)

eu acho que até o fundamental, séries finais, e médio junto. E o que eu vejo das séries iniciais como elas trabalham em questão de espaço em um mesmo bloco e a carga horária delas... estão sempre mais juntas e o pessoal do fundamental e do médio circula em função de disciplina e horário. Alguns têm mais carga horária e outros menos é uma outra forma de nós lidarmos com os colegas do que as gurias que estão sempre juntas. Eu acho que isso acontece e não só aqui na escola, mas no geral pelo meu tempo de magistério e trabalhei em outras escolas eu sempre notei isso. (professora Rute, IEE Camaquã)

Normalmente é de primeira a quarta série que a agente chama o CAT que são mais unidos que os de área. No recreio que tu notas mais. Eles sentam, conversam sobre as dificuldades quem tem... é uma sequência o meu aluno esse ano vai ser teu no próximo ano, se foi teu no ano passado tu vai falando. Tem essa troca mais do que nós, nós é por disciplina. Às vezes se tem dois professores de português. Tem professor que dá aula só para sexta, só para a sétima e oitava tem uns que dão só pro sexto ano, às vezes tem três professores pra toda turma, de manhã e de tarde. Então eles conversam mais e às vezes por afinidade. Eu me organizo com o CAT. É eu não sei se é por que eu venho de manhã e de tarde, se é por que eu converso mais com as gurias, se eu participo com elas quando tem apresentação do dia dos pais para organizar alguma coisa. Mas eu fico mais assim, mesmo quando tinha outra professora de Educação Física, me relaciono melhor. (professora Cândice, EEEF Guaíba)

A formação de alianças pode ainda gerar outro elemento da micropolítica, já visto anteriormente, que é o conflito, percebemos isso a partir da explicação da professora Cândice sobre sistema de funcionamento do mecanismo de controle de atraso da escola da Vila. Diante da próxima fala poderemos observar o que diz Ball (1989), que a mudança de um ator desse cenário pode gerar mudanças no cenário escolar, relacionei casos antagônicos vividos pela professora Cândice para melhor entender os efeitos na mudança destes arranjos.

No início do ano que chegou uma supervisora e deu uma modificada, mas aí eu não sei como ficou por que eu saí. Mas isso acontecia. Eu noto a diferença, na Vila era a mesma coisa. Na Vila tu chegavas atrasada, aí eles instituíram que se tu chegares três dias atrasada tu ganhavas um gancho que é a respeito de uma falta não justificada e te descontavam trinta por cento do teu salário. Mas aí quem era queridinha, não tinha desconto. Quem não era, tinha. (professora Cândice, EEEF Guaíba)

A direção até tentava contornar, teve uma diretora ótima. Quando mudou a direção desestruturou muito. Muito mesmo, não sei se é a minha visão, equivocada. (professora Cândice, EEEF Guaíba)

Como é comum em acordos, ambas as partes envolvidas se comprometem com algo e são beneficiadas em outro aspecto, estas alianças na escola têm como resultado para o trabalho docente combinações internas, concessões e restrições dos diferentes membros das equipes administrativas. Em uma das observações relatadas no diário de campo identifiquei uma concessão da Educação Física devido a uma combinação interna, professora se dispôs a não dar aulas no único espaço coberto da escola conforme o pedido da direção. Sabendo que em outro momento para em que a professora precisou de apoio para solucionar um problema o encontrou na direção, o que indica essa via dupla também nas alianças.

Observo, novamente, que o fato de ter a posse das chaves de um determinado local ou espaço confere ao detentor certo controle quanto a sua utilização.

Preparando os materiais para a aula me deparei com o baú das bolas com os cadeados fechados, sendo que o combinado era que ficasse aberto para não haver a necessidade de ficarmos com todas as chaves em nosso poder, ficando apenas com a chave da sala de Educação Física. Então me dirigi ao encontro com a professora da turma para pedir a chave, ela me questionou quanto às atividades e o local a ser utilizado após relatar sobre o espaço a ser utilizado ela me informou que a direção não autorizava dois períodos seguidos naquele espaço por poder atrapalhar avaliações e completou, ela: é bem em baixo da sala da diretora e vice. (diário de campo da observação no IEE Camaquã)

Ainda caracterizando estas relações existentes neste peculiar cenário recortamos a fala da professora Cândice que aponta diferentes posturas que identificamos como postura de liderança que opera em uma lógica que conduz a coesão e a postura autoridade que opera em uma lógica que empurra à coerção dos membros da organização escolar, aliando os conceitos de autoridade e liderança discutidos por González (1997) aos conceitos de coesão e coerção discutidos por Botler (2010).

Prosseguindo em nossa discussão, pude identificar um iminente conflito entre a professora Cândice e a vice-diretora Sara. O conflito constitui outro elemento da micropolítica escolar segundo Ball (1989). Este elemento para Ball tem sua gênese na controvérsia frente às prioridades de objetivos, ideologias, interesses e ordens que geram a luta pelo controle entre os diferentes membros do cenário escolar. Ball compara as escolas como outras organizações sociais, campos de lutas, divididos

em conflitos em curso e conflitos iminentes. Poderemos compreender melhor a argumentação de Ball através do próximo relato.

Eu acho que cada um cumpre a sua função, tem mais afinidades. A Queila é muito mais funcional do que a Sara. Funciona muito mais nós a respeitamos muito mais do que a Sara. A Bete, supervisora, impõe respeito pela postura dela e tudo mais, mas ela é o tipo de pessoa, tu a conhecesse, se tu conversares com ela e tu tiveres um problema, ela te ajuda de todas as formas. E se ela achar que tu precisas de uma chamada de atenção, ela também te chama a atenção. Independente da Diretora ou não. (...) A Sara é mais difícil de lidar.... Ela chega no pátio, fala contigo, vira as costas e nem te ouve. Sem argumento. Tu és a culpada e ponto. Se brigaram na tua aula tu és a culpada, tu que não enxergou. Se eles molharam-se na chuva tu que não enxergastes. Ela é grossa, mas acho que ela é grossa por ser ignorante não por ser vice-diretora, por que falta essa coisinha nela. Eu até acho que ela não gosta de mim em específico, mas eu faço de conta que não percebo nada e não dou bola. (...) A vice-diretora da manhã já é mais harmoniosa (professora Cândice, EEEF Guaíba).

Nas relações citadas pela professora é possível identificar as diferentes posturas conforme citado anteriormente e relacionar com o que nos diz Botler (2010) sobre os modos que se estabelecem estas relações de poder que se dá neste caso por coesão com a vice-diretora da manhã, Queila. E por coerção ao olharmos para relação com a vice-diretora da tarde, Sara. Frente a esse relacionamento conflituoso a professora decide não perceber a possível oposição a ela, fazendo desta sua postura e estratégia para lidar com o conflito iminente.

Outra postura assumida diante das relações escolares é a de se isolar do grupo como relata a professora Cândice – “*Sim, que sai pra fumar, que não conversa que não sorri e que não cumprimenta tem.*” – ao ser questionada sobre a existência desse tipo de comportamento corroborando aos achado de Faria et al. (2010) que identifica algumas razões para o isolamento do docente das relações interpessoais.

Ball (1989) argumenta que para atingir metas e objetivos comuns os membros da organização escolar se agrupam em coalizões. A professora Cândice falando a respeito da formação de grupos na comunidade escolar, em outra escola em que lecionou, me possibilitou identificar uma postura antagônica em relação à formação de coalizões que pude perceber quando a professora Rute identificou os grupamentos por áreas de atuação. Os atores desta escola optaram por atuar em uma lógica individualista.

Na Vila, não era tanto e eu achei até que era questão de classe social. Na Vila era mais “cada um por sim, Deus por todos”. Eu não venho, não venho, não devo nada para ninguém. Eu não faço, não faço, e era o que têm. Era muito individualista. (professora Cândice, EEEF Guaíba)

O conflito como outro elemento micropolítico descrito por Ball (1989) também se evidenciou em meu estudo. O fruto desse conflito, descrito na fala da professora Cândice, foi o seu pedido imediato de afastamento da escola através da SEDUC que só foi possível a partir do estabelecimento de uma aliança com a diretora da escola Guaíba, pois como as entrevistas nos possibilitaram entender, as diretoras são o elo entre escola e SEDUC.

Nesta fala o termo trabalho docente e micropolítica escolar não são citados diretamente nem mesmo os efeitos sobre a Educação Física escolar, contudo a partir deste relato da professora Cândice, identifiquei uma trama formada por estes termos, suas influências mútuas e a efeitos sobre a Educação Física.

Quer ver uma coisa que me chocou muito quando a minha diretora lá da Vila. Quando eu falei que tava grávida, que tinha filho e que eu não estava conseguindo escolinha lá perto da Vila, ela disse assim: Eu me “f...” quando tive filho, te “f...”! Não posso fazer nada. Nestas palavras, exatamente assim! Não posso fazer nada, diferente daqui. Péssima, eu pedi pra sair, eu fui à Secretaria da Educação. Cortou, tinha vínculo com as crianças, muito, pois fiquei por vários anos lá. Quando aconteceu isso, pensei: o que é prioridade? Peguei meu filho fui à SEDUC. Disse: Não é possível, diminuo a carga horária, mas eu não fico. É eu sei, tu queres trocar. A Isabel que me deu uma baita mão foi lá na escola fez com que a diretora me liberasse, pois ela não estava nem aí. Eu estava ainda lá na escola e ela só ia me liberar quando fosse um professor. A Isabel foi à SEDUC e disse a Cândice já é minha, puxou para aqui e me organizou. E a Queila, bem diferente. Quando eu não tenho escolinha para as crianças ele me disse: Tu trás as crianças e eu te ajudo a cuidar. Não é uma aula cem por cento. A Queila fica com um eu com outro e aí funciona normal, pois não tem todos os alunos no pátio. E os alunos também são tolerantes neste sentido de te ajudar é diferente. Lá na Vila as crianças também gostavam e diziam: Ah! “sora” tu trouxe o teu filho, mas é diferente a estrutura. Não poderia, mas a Pri fica com ele, a Lia fica com ele por solidariedade. (professora Cândice, EEEF Guaíba)

Ruiz (1997) diz que não é possível dissociar das relações escolares das relações de caráter pessoal existe entre elas uma influência mútua. Nesta fala saliento a presença notável dessa influência de duas vias. É evidente que as questões de ordem pessoal afetaram inicialmente as relações escolares e por sua

vez as relações pessoais culminaram no corte do vínculo entre a professora e a escola.

A partir do que se tem discutido até aqui, já podemos ir pensando nas possíveis influências deste cenário micropolítico no trabalho docente do professor de Educação Física que como vemos através de Wittizorecki e Molina Neto (2005), o trabalho docente também compreende esta gama de relações demonstradas até aqui.

Mas antes falarei da natureza do cenário escolar que para a professora de Educação física da escola Guaíba se assemelha a uma empresa.

(...) a escola hoje em dia é como uma empresa. Que não deveria ser nem uma diretora e sim uma administradora. Por que ele tem que administrar uma verba que vem do estado, tem que administrar pessoas. É uma empresa. (professora Cândice, EEEF Guaíba)

A literatura trata que muitos teóricos em seus estudos buscavam aplicar conhecimentos relativos a organizações empresariais às organizações escolares (RUIZ, 1997), contudo conforme mostra o mesmo autor a escola possui elementos que a distingue destas organizações. As organizações escolares como demonstram Ball (1989), Ruiz (1997) e o presente estudo possuem elementos de controle e autoridade fortemente relacionados ao modo operante de empresas e a autonomia e participação que distingue a escola destas organizações. Vemos através da fala da professora Lia esta natureza dualística de controle e autonomia.

Não eles, no caso eles ficam atentos assim, claro em função de que tu é o dono da tua aula. Aqui na nossa escola é assim, tu é o responsável, tu sabes o que tu está fazendo porque tu és um profissional, então não tem porque de eu estar olhando e cuidando da tua aula. (professora Lia, EEEF Guaíba)

Por ter essa natureza e ser aberta a participação vemos aí um estímulo ao professor de Educação Física ser protagonista na micropolítica escolar. Assim como foi apresentado os mecanismos de controle na escola, também observei mecanismos de participação que segundo Ball (1989) o fato de haverem reuniões de professores não tornam a escola em um ambiente participativo. Os espaços para a participação foram dois as reuniões de professores e o conselho escolar, onde existe uma prestação de contas para a comunidade.

Quando questionada sobre a existência de reuniões de professores a professora Cândice relata sua pouca participação e a periodicidade destes momentos na escola.

Quarta-feira, quinzenalmente. Mas eu vou te deixar numa lacuna, pois eu quase nunca consigo assistir. Porque meu horário... eu chego aqui sete da noite já está no fim da reunião, mas tratam assuntos de... Quando vai ter conselho de classe, antes do conselho perguntam se tem algum aluno que está muito difícil nas notas. Até para chamar os pais e informar como eles estão. Avisam das festas, quando têm festas e o que tem que fazer eles... A gente combina nas reuniões. (professora Cândice, EEEF Guaíba)

A professora Lia relata-nos com propriedade sobre o conselho escolar e ainda sobre o gerenciamento dos recursos recebidos pela escola Guaíba. Atentando para esta fala que cita a Educação Física vemos a importância da participação dos professores que dada a particularidade e natureza de seu trabalho docente (WITTIZORECKI e MOLINA NETO, 2005), necessitam de amplos recursos para poder desenvolver suas aulas a partir da ampla perspectiva da Cultura Corporal do Movimento como mostra o Referencial Curricular Estadual.

Nós temos o conselho escolar, do qual eu faço parte, e nós avaliamos quais são as prioridades que a escola tem, necessita, e a gente faz reuniões com os pais, com os alunos, pra ver aonde que é melhor encaminhar a verba. A gente recebe certa quantia. Aí nós vamos estudar pra ver quais são aquelas necessidades da escola, e se necessário colocamos para os pais e alunos pra ver se há alguma necessidade ou então, nós vemos as prioridades mesmo que geralmente são os banheiros, que é fundamental, material escolar, principalmente material esportivo, porque Educação Física está sempre com material bem escasso, o material de expediente, porque vai muita folha, muito tonner e a parte das máquinas de fotocópia que dão uma boa despesa. (professora Lia, EEEF Guaíba)

A professora Rute sabe da existência do Conselho, contudo não está inteirada do seu funcionamento, em outro momento a professora relata sua condição e aponta para possíveis razões de nunca ter participado, apesar de estar falando das reuniões de professores acreditamos que o mesmo se aplica à participação no conselho escolar.

Existe um Conselho Escolar que tem representantes dos pais, funcionário, professores e direção que eu não posso te dizer, porque eu nunca participei desse conselho, mas tem eleições para esse

conselho em épocas que muda também a direção se não me engano. A função do Conselho eu nem vou te dizer, porque foge da minha alçada. (professora Rute, IEE Camaquã)

O Professor da rede estadual municipal às vezes trabalha em outra escola, precisa. O salário é menor. Eu procuro trabalhar igual, mas eu acho que eu não consigo, assim e vejo assim outros professores conversarem que acaba sendo um pouco diferente a cobrança, as reuniões e a tua presença lá. (professora Rute, IEE Camaquã)

A micropolítica escolar não pode ser comparada à de empresas privadas como inicialmente se pensava e como foi relatado, ainda é uma perspectiva vigente, neste estudo pela professora Cândice. As alianças, coalizões, o controle e até mesmo o embate, conflito, constituem estratégias dos atores na micropolítica escolar para atingir a diversidade de metas que existem neste cenário. Estas estratégias se estabelecem por meio das relações nas quais o professor de Educação Física está inserido e não apenas inserido, mas operante.

Pois como sabemos que devida à especificidade de seu campo de intervenção necessita de recursos comuns e exclusivos às outras disciplinas. As reuniões de professores e o conselho escolar são espaços para este professor atuar como protagonista sendo influenciado e influenciando positivamente através de suas relações, diante dos diversos arranjos, a micropolítica escolar que constitui o cenário escolar. Entender esta dinâmica de funcionamento da organização escolar me permitirá compreender o impacto do cenário escolar no trabalho docente do professor de Educação Física.

4.3. Conformações que a Educação Física promove e sofre diante do cenário micropolítico escolar

Dedicar-me-ei nesta seção a pontuar as conformações promovidas e sofridas pela Educação Física escolar diante do cenário micropolítico até aqui discutido. Ao desenvolver essa temática – que me mobilizou inicialmente de forma empírica nos estágios obrigatórios nas escolas e que decidi estudar por intermédio deste trabalho – identifiquei situações em que a Educação Física sofre influência diante do cenário escolar e seus arranjos com maior facilidade.

Sendo assim recordo-me dos escritos de Giroux (1997) que instiga o docente a se ver como um intelectual transformador, tornando-se assim protagonista no

trabalho docente que inclui a prática pedagógica e está envolto em uma micropolítica. Segundo Oliveira (2011) diversos autores tratam sobre esta postura que entendo poder ser assumida diante das relações e micropolítica escolar.

Uma gama extensa de estudos de autores relevantes, dentro da Educação Física ou fora dela, como: MOLINA NETO, GOODSON; BRACHT; KUNZ; TAFARREL; TARDIF; LESSARD; NEIRA; JOSSO; FIGUEREDO; COSTA; BOSSLE; WITTIZORECKI, dentre outros abordam a perspectiva do trabalho docente, como protagonista na dinâmica sociocultural do contexto escolar. (OLIVEIRA, 2011, p.34)

Fui surpreendido em uma de minhas observações no IEE Camaquã com um relato de uma professora de Educação Física do ensino fundamental que atua na escola com o vínculo de contrato. O contato com esta professora me permitiu entender um pouco mais a dinâmica de funcionamento da escola Camaquã quanto a sua micropolítica.

Na ampla sala de Educação Física, auxiliiei a alguns alunos da professora Isabela que é contratada para 20 horas e atende cinco turmas do ensino fundamental à tarde. Ajudei-os a encontrar uma bola para a atividade que iam desenvolver em aula. Ao abrir o baú da professora Isabela me deparei com um baú de materiais escassos e estavam em sua maioria sem condições de uso. Notoriamente os materiais eram em menor quantidade e qualidade inferior se comparados com os materiais do baú da professora Rute. Perguntei para a professora Isabela o porquê da diferença. Ela disse-me que contaria apenas porque eu perguntei, pois isso era uma questão interna. Contou-me que no início do ano quando veio o material, a professora Rute, dividiu e pré-determinou quais seriam os seus materiais dela e de outra professora da manhã e quais seriam os da professora Isabela (...). Disse ainda ser tratada pela professora Rute como uma estagiária, sendo que já está formada (...) (diário de campo da observação no IEE Camaquã).

A professora Isabela tem seu trabalho docente afetado pela micropolítica, entendo que seu vínculo de contrato lhe insira em uma posição abaixo na hierarquia escolar entre os outros professores de Educação Física. O mecanismo de controle usado neste caso é um molhe de chaves que a professora Rute possui e lhe permite controlar a utilização dos materiais de seu baú.

A hierarquia presente nas relações de poder da escola é identificada nos estudos de Eizirik e Comerlato (2004), Botler (2010), González (1997) e Ball (1989). A hierarquia foi observada nas duas escolas: em uma as relações hierárquicas eram mais verticalizadas promovendo influências mais incisivas na Educação Física; na

escola em que as relações eram mais horizontalizadas havia possibilidade, pelo tipo de relação que se desenvolve neste ambiente, de influenciar o cenário escolar.

Em meio à escassez de materiais e esta relação com a professora Rute, a professora Isabela desenvolve seu trabalho. Ao relatar esse fato para a professora orientadora de meu estágio no ensino médio na escola em questão a Camaquã, ela relatou-me que no período em que trabalhou na escola Camaquã os materiais eram compartilhados entre o grupo de professores de Educação Física e construídos com a participação coletiva.

Com base na discussão trazida por Ball (1989), ao tratar da ideologia como elemento da micropolítica escolar identifiquei neste relato a ideologia como pano de fundo o que corrobora Stephen Ball (1989) que mostra a ideologia como elemento que está entranhado na tomada de decisão e relações na escola. Continuando ele nos diz que a ideologia se oculta, por isso pude identificar de forma mais visível os seus efeitos sobre a Educação Física e identificá-la neste caso por inferência.

Não é apenas no IEE Camaquã que as conformações acontecem, na escola Guaíba o trabalho docente da professora Cândice sofreu o efeito do legado do professor anterior. A ciência da vigilância que seu trabalho sofria e a própria cobrança da vice-diretora em relação a seu trabalho, que pode surtir diversos efeitos, pois como demonstrei as relações pessoais e as relações escolares são indissociáveis, foram as conformações identificadas na fala a seguir.

Mas aqui foi a Queila que disse: O dia que eu olhar a Educação Física e tu não estiveres dando atividade orientada. Eu vou te chamar aqui e vou te chamar a atenção. Por que eu sempre dei atividade orientada, nunca os deixei livres, no máximo quando tem uma recuperação de prova. Ele faz a prova o termina e aí tem o período livre pra fazer alguma atividade. (...) Por que quando teve o meu substituto na minha licença gestante. Foi até uma... Eles liberaram o professor antes por que ele deixava os alunos sem fazer nada. Os alunos mesmos vinham na secretaria reclamar pra vice. Quando é que eu ia voltar, por que o professor não dava nada e eles não tinham nada pra fazer. Então tinham uns alunos que vinham sempre perguntar: Quando ela vai voltar, quando ela vai voltar? (professora Cândice, EEEF Guaíba)

Em outro momento a mesma professora relatou-me que os professores da escola Porto Alegre “esticavam” o seu intervalo prejudicando desta forma o início da aula de Educação Física, sua postura foi de pouco a pouco iniciar a aula mais cedo, mas o trânsito de alunos no pátio interferia em sua aula. A falta de um mecanismo

de controle promoveu uma conformação da aula de Educação Física naquela escola.

Contudo identifiquei conformações geradas diretamente pela organização da escola que em seu arranjo não contava com alguns professores de determinadas disciplinas, então organizavam as turmas de forma que no período do professor que faltava a professora de Educação Física estivesse dando aula para turmas de mesmo nível de ensino.

Se acontecer um dia de faltar três professores, aí eles ficam com período vago. Não tem essa coisa que as outras escolas tinham: Ah! Cândice faltou professor! Muito raro. Fica com a turma 61, 62 e 63 numa tarde fica tipo um “recreio”, muito difícil. Já na Porto Alegre isso acontece muito. Por que faltava muito professor, de Matemática faltou o ano inteiro. Então eles faziam o horário que sempre juntava duas turmas, faltava um professor eles iam para a Educação física. Não tinha o que fazer ou ficava no pátio. A escola também da vila era igualzinho chegava dez horas juntavam turmas. Tu davas períodos de toda manhã, dez horas mandavam embora. Aí não tinha o que fazer. E, aqui eu acho que é extremamente organizado, ah tem falhas como qualquer estrutura tem, mas muito difícil. Eu nunca saí mais cedo do meu horário, amanhã vai faltar luz no bairro mandaram bilhetes para os pais desde semana passada que vão liberar às quatro horas, atípico. (professora Cândice, EEEF Guaíba)

A expressão “tábua de salvação” se encaixaria bem neste para denominar a Educação Física neste cenário micropolítico que a professora Cândice revelou. Certamente essa conformação gerou um desgaste e sobre carga para a professora que pediu para cumprir toda a sua carga horária a partir deste ano na escola Guaíba este ano.

Conectando esta situação à literatura entendo que ela corrobora novamente com os estudos de Ball (1989) que evidencia a diversidade de objetivos como um dos elementos micropolíticos, neste caso o objetivo da professora de educação física que é de dar aula para sua turma se confrontou com o objetivo do membro responsável pela organização da escola que é suprir a falta do professor de matemática.

A professora Cândice possui o vínculo por meio de contrato, contudo através de seu relato demonstrou possuir alianças com os diferentes atores do cenário escolar o que vemos trazer efeitos positivos ao trabalho docente exercido por ela. Através deste relato e outros que mostraram a força da relação da professora com a

direção que mediou outrora sua transferência para a escola Guaíba, caminho para o entendimento de que as relações internas, micropolíticas, assim como os diferentes arranjos que constituem o cenário escolar são influenciados pelo trabalho docente e podem influenciar.

Não tinha como dar aula, no início pegava a bola e ia pro pátio, mas aí eu começava a ser muito “caxias” de ir para o pátio, então eu esperava um pouco e pra não me sentir culpada deixava os alunos com bola no recreio. Bola de vôlei e bola de futebol. Os alunos reclamavam: Como que eu estava lá e os outros não se mexiam. Dependia o dia. E mesmo quando a vice. Não tinha vice de tarde e não tinha supervisora só tinha a diretora. E a manhã que tinha supervisora também era assim, era uma dificuldade horrível. Criou-se o hábito. De ser uma terra sem lei. De não ter horário pra chegar. Chegar duas da tarde e não acontecer nada. Tu registras teu período e não dar um período não dar nada. (professora Cândice EEEF Guaíba)

Nesta fala pude identificar esta relação de mútua influência entre a micropolítica escolar e a Educação Física, com efeito gerado pela Educação Física na micropolítica apontando para o questionamento dos alunos quanto a diferença na postura da professora de Educação Física em relação aos outros professores e atores do cenário escolar.

A discussão desenvolvida até aqui me permitiu relacionar os cenários escolares estudados com a literatura que tive acesso acerca das relações de poder, a relação entre saber e poder, elementos da micropolítica escolar, singularidade desta micropolítica, a presença de hierarquias e outros assuntos que permearam minha discussão. Por fim, procurei identificar as conformações sofridas e desenvolvidas pela Educação Física frente a este cenário que procurei mapear para então responder o questionamento inicial desta pesquisa que me propus fazer.

CONSIDERAÇÕES TRANSITÓRIAS

A construção deste trabalho, primeiramente, me proporcionou um aprendizado sobre o cenário escolar a partir de um mapeamento das relações e atores que compõem este cenário no qual pretendo estar inserido e atuando como professor de Educação Física. Minhas reflexões e experiências me conduziram a afirmar que o professor de Educação Física pode posicionar-se como protagonista frente à micropolítica escolar.

O mergulho no cenário escolar, as experiências, as reflexões e sistematização dos conhecimentos inerentes a micropolítica me permitiram olhar de uma perspectiva diferente que inicialmente eu observava a escola e o trabalho docente.

Munido desta nova lente interpretativa me permito dizer que aquelas velhas reclamações sobre materiais e espaços podem ser o efeito visível da micropolítica, não extraindo a responsabilidade das políticas públicas ineficiente. Pois como relataram as colaboradoras, a relação com a gestão escolar, também responsável pela administração dos recursos, pode influenciar o trabalho docente por meio das alianças, coalizões e conflitos em meio a diversidade de objetivos e diferentes formas de operar nas relações de poder.

O professor diante disto pode se posicionar como “aprendente” em relação ao lidar com a dinâmica micropolítica. Entendo que a dinâmica de funcionamento desta micropolítica peculiar a cada escola desafia o docente a operar de forma transformadora impactando positivamente o seu trabalho com o seu trabalho.

Revisitando a entrevista da colaboradora Rute, ao lhe pedir conselhos para sobreviver no cenário escolar, ela me indicou adotar a postura inicial adotada por ela, uma postura observadora. Nas relações escolares os professores são impactados pela micropolítica e como identifiquei, os cenários escolares conduzem a conformidade quando o cenário impacta positivamente não há problemas. Mas quando a influência é negativa, sugiro adotar a postura inicial da professora Rute e operar por e meio das estratégias que constituem a micropolítica uma transformação.

REFERÊNCIAS

BALL, Stephen. **La micropolítica de la escuela**: hacía una teoría de la organización escolar. Barcelona: Paidós, 1989.

BOTLER, Alice Happ. Cultura e relações de poder na escola. **Revista Educação e Realidade**, Porto Alegre, n.35(2), p.187-206, 2010.

BRASIL. **Lei nº9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF, 20 de dezembro de 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.html>. Acesso em 16 de abr. 2013.

_____. **Parâmetros curriculares nacionais**: Linguagens, códigos e suas tecnologias de 2000. <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/14_24.pdf>. Acesso em 18 de abr. 2013.

CASTELANI FILHO, Lino. **A Educação Física no Brasil**: A história que não se conta. Campinas, SP: Papirus, 1988.

COERÇÃO, COESÃO. In: **Dicionário da Língua Portuguesa**. Lisboa: Priberam Informática, 2012. Disponível em <<http://www.priberam.pt/dlpo/>>. Acesso em: 18 abr. 2013.

CORRÊA, Ivan Livindo de Senna; MORO, Roque Luiz. **Educação Física Escolar**: reflexão e ação curricular. Ijuí: Ed.UNIJUÍ, 2004.

EIZIRIK, Marisa Faermann; COMERLATO, Denise. **A escola (in)visível**: jogos de poder, saber, verdade. 2ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.

FARIA, Bruno de Almeida, *et al.* Inovação pedagógica na Educação Física: o que aprender com praticas bem sucedidas? **Revista Agora para la educación física y el deporte**. n.12(1), p.11-28, 2010.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4ª ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GIROUX, Henry. **Os professores como intelectuais**: rumo à pedagogia crítica da aprendizagem. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

GONZÁLEZ, Maria Teresa. La micropolítica escolar: algunas acotaciones. **Revista Profesorado**. Madrid, v.1, n.2, p.45-47, 1997.

GUIRAUD, Luciene; CORRÊA, Rosa Lidia Teixeira. Leitura sobre a escola: Relações de poder, cultura e saberes. In: **ANAIS DO IX CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO E III ENCONTRO SUL BRASILEIRO DE PSICOPEDAGOGIA - PUCPR**, p.6531-6544, 2009.

MOLINA NETO, Vicente. A cultura do professorado de Educação Física das escolas públicas de Porto Alegre. **Movimento**, Porto Alegre, ano 4, n.7, p.34-42, 1997.

_____. A prática dos professores de Educação Física das escolas públicas de Porto Alegre. **Movimento**, Porto Alegre, ano 5, n.9. p.31-46 ,1998.

_____; TRIVIÑOS, Augusto N. S (Org.). **A pesquisa qualitativa na Educação Física: alternativas Metodológicas**. Porto Alegre: Sulina, 1999.

OLIVEIRA, Altemir de. **O protagonismo juvenil em uma escola da Rede Municipal de Ensino de Porto Alegre**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

OLIVEIRA, Valeska. **Espaços e tempos produzindo um professor**. PPGE – UFSM, Santa Maria, 2005 (mimeo.).

PENNA, Inezil Marinho. **História geral da Educação Física**. São Paulo: Editora do Brasil, [198-?].

RIO GRANDE DO SUL. **Secretaria da Educação**. Disponível em: <http://www.seduc.rs.gov.br/pse/html/refer_curric.jsp?ACAO=acao1> Acesso em 16 de maio 2013

_____. **Secretaria da Educação: Referencial Curricular**. Disponível em: <http://www.educacao.rs.gov.br/dados/refer_curric_vol2.pdf> Acesso em 16 de maio 2013.

RUIZ, Teresa Bardisa. Teoría y práctica de la micropolítica en las organizaciones escolares. **Revista Iberoamericana de Educación**, n.15, p.1-34, set – dez 1997.

WITTIZORECKI, Elisandro Schultz; MOLINA NETO, Vicente. O trabalho docente dos professores de Educação Física na Rede Municipal de Ensino de Porto Alegre. **Revista Movimento**, Porto Alegre, v.11, n.1, p.47-70, 2005.

Apêndice B – Roteiro de questões da entrevista semiestruturada

- 1) Conte-me como é a organização de uma escola em termos de funções, cargos e tarefas.
- 2) Imagino que não seja fácil gerenciar uma escola, ainda mais uma deste porte. Como funciona a gestão administrativa, por exemplo, horários de funcionários, distribuição de horários dos professores, destinação das verbas? Vocês têm reunião de professores? Quando acontecem? O que se trata nelas?
- 3) Percebes a existência de Grupos dentro de tua escola? Como se organizam: por afinidade, ideologia, amizade, disciplina ministrada?
- 4) Como são as hierarquias em tua escola? Como ela se organiza? Qual tua opinião sobre isso?
- 5) Qual é a função (papel) de cada membro?
- 6) De que forma essa estrutura e seus membros influenciam tua aula?
- 7) Identifica em tua escola uma hierarquia de saberes? Como tu vêes isso?
- 8) Como essa hierarquia de saberes influencia tua aula no decorrer do ano?
- 9) O que mais tu achas que influencia a Educação Física na escola?
- 10) Como resolves os problemas com alunos, materiais, espaços que ocorrem dentro de tua aula ou afetam tua aula?
- 11) Contas com o auxílio de alguém para solucionar problemas? E para elaborar planos trabalho e ensino?
- 12) Tu te sentes trabalhando sozinho, em grupo ou em conflito em tua escola?
- 13) Para um professor novato que chega em uma escola, quais são tuas dicas para que ele possa “sobreviver” e se integrar com o grupo?
- 14) O que entendes por micropolítica escolar?

Apêndice C – Lista de unidades de significado identificadas a partir das entrevistas

- 1) Atuação simultânea em contextos diferentes
- 2) Escola mais organizada em comparação a outras
- 3) Organização vinculada a cumprimento de horário
- 4) Desvio de função devido limitações ou problemas de saúde
- 5) Monitor substitui fazendo a chamada em caso de pequeno atraso
- 6) Ninguém substitui a aula de EF quando o professor falta
- 7) União de três turmas em uma aula de EF
- 8) Gestão escolar
- 9) Organizou-se o horário para a professora de EF suprir a falta de professores
- 10) A direção é a ligação entre a escola e a SEDUC
- 11) Papel da direção
- 12) Aliança entre direção e supervisoras
- 13) Papel da vice-direção
- 14) Papel dos monitores
- 15) Papel da orientação
- 16) EF não se articula com a bibliotecária
- 17) Aliança para suprir pequenos atrasos
- 18) Mobilização do professores para suprir falta de funcionário da limpeza
- 19) Contraste entre organização em duas escolas
- 20) Uma mãe supriu falta de um funcionário
- 21) Aliança escola e comunidade
- 22) Professores assumem o papel do Estado
- 23) Aliança com a comunidade para angariar recursos
- 24) Combinações internas
- 25) Supervisão delega tarefas
- 26) Postura participativa da supervisão
- 27) Auxílio da supervisão precede o das vices na gestão escolar
- 28) Supervisora centraliza organização dos horários
- 29) Participação indireta dos professores na organização dos horários
- 30) Antiguidade valorizada
- 31) Suporte e acolhimento da supervisão
- 32) Suporte e acolhimento da orientação
- 33) Aliança escola e empresa privada
- 34) Aliança funcionária e vice-direção para fim específico
- 35) Participação dos cônjuges nas relações escolares
- 36) Comunidade engaja-se para ajudar a escola
- 37) Escola convoca ajuda
- 38) Contexto com baixo envolvimento da comunidade
- 39) Relação entre grupos da sociedade e escola
- 40) Conformação situacional
- 41) Sanção existe na relação da equipe diretiva e professores
- 42) Valorização da participação da direção
- 43) Funcionamento da escola interfere negativamente na EF
- 44) Conformação da EF
- 45) Arranjos com acúmulo de funções para a direção
- 46) Inexistência de sanções aos professores

- 47) Hierarquização verticalizada
- 48) Combinações invisíveis
- 49) Imposição de regras
- 50) Inserção de supervisora gerou mudanças
- 51) Supervisora não exerce sua função
- 52) Pouca participação da professora de EF nas reuniões de professores
- 53) Reuniões de professores periódicas
- 54) Reuniões acontecem fora do horário de trabalho
- 55) Estímulo às relações harmoniosas
- 56) Aliança entre supervisão e orientação
- 57) Agrupamento por semelhanças do trabalho docente
- 58) No intervalo as alianças se evidenciam
- 59) Agrupamento por área de conhecimento
- 60) Professor de EF se agrupa por afinidade
- 61) Agrupamentos por afinidade
- 62) Tempo de convivência favorece alianças
- 63) Trabalho docente é observado
- 64) Professor de EF tem autonomia quanto aos conteúdos ministrados
- 65) Ciência do regulamento da escola interferiu na relação professor-aluno
- 66) Concessões da direção
- 67) Concessões da supervisão
- 68) Concessões da vice-direção
- 69) A hierarquia não afeta o professor de EF
- 70) Horários comuns favorecem as alianças
- 71) Desvalorização de professor pelo trabalho realizado
- 72) Postura individualista
- 73) Postura individualista relacionada a inexistência de cobranças
- 74) Organização da escola depende da direção
- 75) Mudança na direção promoveu uma desestruturação
- 76) Relações escolares sem cordialidade
- 77) Professor tem acesso a SEDUC
- 78) Relações escolares interdependentes às relações pessoais
- 79) Relação entre direções
- 80) Aliança direção e professor
- 81) Aliança professor e vice-direção
- 82) Aliança professor e secretária
- 83) Direção pouco presente no espaço escolar
- 84) Diferentes instâncias na solução de problemas
- 85) Comparação escola e empresa
- 86) Função fiscalizadora da vice-direção
- 87) Supervisão delega funções
- 88) Vice-direção acionada para problemas imediatos
- 89) Direção e supervisão acionados para soluções à longo prazo
- 90) Papel da orientação pedagógica
- 91) Orientação estabelece relações com os pais
- 92) Coerção pela postura
- 93) Autonomia da supervisão
- 94) Delimitações de funções entre direção e supervisão
- 95) Liberação de aluno pode interferir a EF
- 96) Processo de reposição de materiais

- 97) Esforço de equalizar a hierarquia de saberes
- 98) Aliança entre professores
- 99) Hierarquização dos saberes pelos professores
- 100) Influência da direção na aula de EF
- 101) Direção cuida do patrimônio
- 102) Apoio da orientação em conflito com alunos
- 103) Conflito entre aluno e professor
- 104) Orientação valoriza a EF
- 105) Conflito entre pais e professor
- 106) Organização dos horários influencia na utilização dos espaços pela EF
- 107) Apoio não se estende ao planejamento do plano de ensino
- 108) Vice-direção exerce cobrança sobre a prática pedagógica
- 109) Relação alunos e vice-direção
- 110) Conflito entre equipe diretiva e professor
- 111) Influência do legado de professor anterior na EF
- 112) Vice-direção assume o papel da supervisão
- 113) Aliança entre policial que reside na escola e professor
- 114) Apoio dos alunos ao trabalho docente
- 115) Apoio de funcionários ao trabalho docente
- 116) Aliança entre professor e funcionário
- 117) Acesso dos pais aos professores
- 118) Pais participam quando tem reclamações
- 119) Pais participam quando tem festas na escola
- 120) Supervisão articula professor e direção
- 121) Suporte mútuo
- 122) Envolvimento por coesão
- 123) Envolvimento por coerção
- 124) Relações fora do período letivo
- 125) Apoio na inserção do professor ao trabalho docente
- 126) Relações de apoio
- 127) Relações de abandono
- 128) O trabalho exercido influencia as relações
- 129) Professor se isola das relações
- 130) Formas diferentes de exercer poder
- 131) Autoritarismo da vice-direção (tarde)
- 132) Postura diante de relação de conflito
- 133) Conflito entre vice-direção e professor
- 134) Liderança da vice-diretora (manhã)
- 135) Equipe escolar
- 136) Equipe diretiva
- 137) Equipe pedagógica
- 138) Vice-direção é compartilhada
- 139) Funções dos monitores
- 140) Funcionário específico para o financeiro
- 141) Diretora centralizadora
- 142) Aliança entre direção e vice-direção
- 143) Direção organiza os horários
- 144) Administração de recursos
- 145) Não é claro como funciona a administração dos recursos
- 146) Relação professor e equipe diretiva

- 147) Aliança empresa-escola
- 148) Reuniões com equipe pedagógica é por nível de ensino
- 149) Reunião com direção é geral
- 150) Reuniões periódicas
- 151) Direção relaciona-se com a SEDUC
- 152) Receio em expor nome da direção
- 153) Funções da vice-direção
- 154) Vice-direção resolve problemas pontuais
- 155) Supervisão relaciona-se com os professores
- 156) Orientação relaciona-se com os alunos
- 157) Arranjos com deficiência na equipe pedagógica
- 158) Composição da equipe pedagógica
- 159) Relação entre bibliotecária e alunos
- 160) Afinidade elemento da proximidade de um grupo
- 161) Agrupamento dos professores de séries iniciais
- 162) Relações por nível de ensino
- 163) Críticas ao professor quanto ao trabalho docente
- 164) A escola cobra o que é necessário
- 165) O envolvimento dos pais é maior nas escolas particulares
- 166) Não é exigida presença constante nas reuniões
- 167) Hierarquia: Direção, vice-direção, professores e alunos
- 168) Topo da hierarquia é a direção
- 169) Vice-direção cobra o cumprimento dos horários
- 170) Coerção autenticada pelo exemplo dado
- 171) Equipe diretiva tem direito a uma folga semanal
- 172) Equipe pedagógica tem direito a meia folga semanal
- 173) Professor de EF não participa do conselho escolar
- 174) Aula de EF sob a observação de todos
- 175) Professor interfere na aula de outro
- 176) O trabalho docente depende do professor
- 177) O professor de EF recebe suporte
- 178) Aliança entre direção e professor de EF
- 179) Professor de EF interfere na aula de outro professor
- 180) Direção centralizadora
- 181) Aliança entre professores da EF
- 182) Professor de EF apóia-se na direção
- 183) Supervisão verifica o planejamento do professor de EF
- 184) Trabalho docente centrado no professor
- 185) Pais participativos
- 186) Lugar dos pais nas relações escolares
- 187) Funções informais
- 188) Privilégios da vice-direção
- 189) Relação pais e direção
- 190) Tarefa informal
- 191) Professor de EF tem amplo acesso aos espaços
- 192) Preocupação em expor os nomes
- 193) Professora de EF controla o acesso aos materiais
- 194) Interferência da direção no trabalho docente
- 195) Combinações internas
- 196) Relação professor e equipe pedagógica

- 197) Relações atingem esferas pessoais
- 198) Opiniões ocultas
- 199) Professora cogita opiniões ocultas sobre ela
- 200) Hierarquia entre professores de EF
- 201) Relações litigiosas entre professores
- 202) Relevância da antiguidade nas relações escolares
- 203) Relação pais com secretários
- 204) Divisões de tarefas
- 205) Papel da direção
- 206) Relação entre direção e vice-direção
- 207) Funções da vice-direção
- 208) Supervisão é a ligação entre professor e direção
- 209) Supervisão é a ligação entre professor e secretária
- 210) Papel da orientação
- 211) Supervisão assume função informal
- 212) Direção se envolve pouco com a disciplina
- 213) Papel da direção
- 214) Relação entre escola e SEDUC
- 215) Mudança nas relações entre pais e direção
- 216) Supervisora acumula funções de outra supervisora
- 217) Direção gere os recursos
- 218) Conselho escolar tem participação na gestão de escolar
- 219) Conselho gere recursos excedentes
- 220) Prestação de contas para a comunidade
- 221) Pais participam de festas na escola
- 222) Pais contribuem para investimento na escola
- 223) Aliança direção e supervisão
- 224) Reunião por etapa de ensino
- 225) Reuniões de professores periódicas
- 226) Afinidade é elemento para formação de grupos
- 227) Intervalo evidencia os grupos
- 228) Professores que se relacionam com grupos diferentes
- 229) Efeito de relações de conflito
- 230) Grupo coeso
- 231) Mudança na comunidade escolar
- 232) Característica das relações harmônicas
- 233) Característica das relações de conflito
- 234) Razões da coesão do grupo
- 235) Gestão participativa
- 236) Pirâmide hierárquica
- 237) Responsabilidade da direção
- 238) Aliança direção e professor
- 239) Relações horizontais
- 240) Característica de ambiente coeso
- 241) Versatilidade da vice-direção
- 242) Alianças entre professores
- 243) Professor tem autonomia na aula
- 244) Hierarquia de saberes
- 245) Professores das séries iniciais valorizam a EF
- 246) Evidencia-se a hierarquia de saberes na sala dos professores

- 247) Professor procura resolver sozinho os problemas
- 248) Mudança no arranjo das relações de apoio
- 249) Planejamento centrado nos professores
- 250) Relações afetivas entre professor e aluno

Apêndice D – Exemplo de transcrição de entrevista

Entrevista sobre micropolítica escolar e prática pedagógica com a professora Cândice na escola Guaíba em 20 de maio de 2013. Porto Alegre/RS

Eu: Primeiramente vou te pedir alguns dados para que eu possa conferir a gravação.

Por favor teu nome completo:

P.C.: Cândice Farias

Eu: Qual é tua formação?

P.C.: Eu me formei em Educação Física no IPA em 1999. Depois fiz uma especialização em Psicomotricidade relacional no La Salle e fiz uma de em Personal Trainer na UFRGS. Acho que foi em 2003, mas não me lembro mais a data.

Eu: Tens formação apenas em Educação Física, em Magistério não?

P.C.: Não, fiz segundo grau técnico em contabilidade.

Eu: Qual é a função atual que tu exerce na escola?

P.C.: Professora, de Educação física trinta horas e fora da escola dou aula de ginástica para terceira idade e Personal.

Eu: Desde quando tu atua na área?

P.C.: Desde de 1999, praticamente. Só no Estado desde 2006.

Eu: Tempo aqui na escola?

P.C.: Três anos.

Eu: Três?

P.C.: É, não com tanta certeza absoluta, mas acho que três sim!

Eu: E lá no Porto Alegre?

P.C.: Junto.

Eu: Três anos também?

P.C.: É por que eu trabalhei na Vila quando eu entrei e no Jardim Vila Nova. Aí fiquei um ano trabalhando em três escolas e vim pra cá tinha três professores na época. Eu vim com cinco horas pra cá e dez para o Porto Alegre. Aí depois eu pedi... eu vim lotada pra cá.

Eu: Okay, até aí.

1) Conte-me como é a organização de uma escola em termos de funções, cargos e tarefas.

Eu: Primeiro Cândice eu queria que tu me contasse na tua perspectiva como é a organização da escola em termos de funções cargos e tarefas?

P.C.: A escola Guaíba é a mais organizada de todas que eu já trabalhei. De verdade funciona bem certinho em termos de professores, horários. Nunca liberam alunos antes se falta professor sempre tem alguém que vai pra sala de aula ou o Fagner que substitui a matéria de em último caso...

Eu: Fagner é?

P.C.: Ele é professor, mas aí ele teve um probleminha e ele ficou como funcionário da escola igual a Lia, ela teve um AVC e ficou na secretaria. Então assim, faltou professor: o professor deixa a matéria e eles vão para a sala de aula, fazem a chamada e dão o trabalho e o aluno não fica solto no pátio. Em último caso eles deixam no pátio, quando eu não venho, com a Monitora cuidando, que é quem fica no pátio. Se não sempre tem atividade, nunca liberam mais cedo. Aqui.

Eu: Período vago?

P.C.: O período vago no máximo eles ficam com uma bola aqui, mas isso quase nunca existe. Se o professor não vem ele manda atividade ou ele deixa atividade já na escola.

Eu: E se ele não faz isso?

P.C.: Se acontecer um dia de faltar três professores aí eles ficam com período vago. Não tem essa coisa que as outras escolas tinham: Ah! Candice faltou professor, muito raro. Fica com a turma 61, 62 e 63 numa tarde fica tipo um “recreio”, muito difícil. Já na Porto Alegre isso acontece muito. Por que faltava muito professor, de Matemática faltou o ano inteiro. Então eles faziam o horário que sempre juntava duas turmas, faltava um professor eles iam para a Educação física. Não tinha o que fazer ou ficava no pátio. A escola também da vila era igualzinho chegava dez horas juntavam turmas. Tu davas períodos de toda manhã, dez horas mandavam embora. Aí não tinha o que fazer. E, aqui eu acho que é extremamente organizado, ah tem falhas como qualquer estrutura tem, mas muito difícil. Eu nunca saí mais cedo do meu horário, amanhã vai faltar luz no bairro mandaram bilhetes para os pais desde semana passada que vão liberar às quatro horas, atípico.

Eu: E como são as funções, cargos e tarefas? Quem cuida do que?

P.C.: Tá, por exemplo, a diretora cuida mais da parte das finanças. Ela não vem. Eu não vejo tanto na escola, mas a parte dela é resolver problema na SEC tudo que tiver reunião na SEC, tiver que contratar professor, tiver um professor pedindo transferência, diminuição de carga horária é tudo com ela. Ela e as supervisoras.

As vices diretoras são responsáveis pela disciplina, então a Queila pela manhã e a Sara de tarde. Elas que: ah, brigaram na sala, manda chamar pai. Ai é a Queila que é acionada, faz ata e tudo mais. Ou a Sara de tarde.

E quando tem um problema de indisciplina em sala de aula, aí tem a Mara ou a Luciane que é a parte pedagógica. E Além disso tem a supervisão que é a Pri e a Bete, então tem bastante estrutura. Mais a Lú que fica no pátio ajudando, assim: precisa de uma mãozinha pra fazer tal coisa a Lú é que...

Eu: A Lú é quem? Qual é sua função?

P.C.: Eu não sei o cargo dela em específico, mas seria como uma “cuidadora” de pátio, ela fica ali pelo pátio ela fica no recreio.

Eu: Monitora?

P.C.: É isso aí, monitora.

Eu: E tu conseguirias elencar mais outros cargos e funções dentro desse universo? Que mais poderia...

P.C.: Tem a funcionária da biblioteca que não me influencia diretamente, mas pra eles é bom. Tem o Fagner que se eu precisar sair mais cedo, dez minutos, quinze minutos ou me atrasar ele fica com a turma, vai pra sala, faz chamada.

Eu: O Fagner é...

P.C.: É o Fagner o que é professor.

É extremamente organizada. A funcionária da limpeza. Agora não tem funcionária da limpeza, saíram as duas, mas então, a Lucíola que é da manhã, os alunos mesmo ajudam e se organizam, todos os professores coordenam pra cada aluno ou último professor da sala dar uma varridinha na sala. Para manter a limpeza, funciona muito bem. No Porto Alegre isso nunca acontecia, nas ficamos seis meses sem o pessoal da limpeza e uma mãe um dia foi varrer a escola e nós contratamos uma faxineira pra limpar os banheiros, por que não dava.

Eu: Nós contratamos?

P.C.: Os professores.

Eu: Pagaram?

P.C.: Sim.

Eu: Do seu próprio bolso?

P.C.: Sim.

Eu: Okay!

P.C.: Mas a princípio é isso de cargos. Acho que eu não me esqueci de ninguém.

2) Imagino que não seja fácil gerenciar uma escola, ainda mais uma deste porte. Como funciona a gestão administrativa, por exemplo, horários de funcionários, distribuição de horários dos professores, destinação das verbas? Vocês têm reunião de professores? Quando acontecem? O que se trata nelas?

Eu: Bem, Imagino que não seja fácil gerenciar uma escola, ainda mais uma deste porte. Como funciona a gestão administrativa, por exemplo, quem é que organiza os horários de funcionários, distribuição de horários dos professores, destinação das verbas?

P.C.: Eu não entendo muito, mas o que eu percebo: A Diretora faz muita coisa, mas o braço direito dela é a Bete que é supervisora pedagógica. Então ela tem uma noção geral. Assim, quebrou um vidro tal, cobram dos alunos, tem o dinheiro, aí vai lá arruma o vidro. Se não, numa escola do estado é assim tu tens que tem uma licitação.

Precisa de vôlei, tu tem que fazer orçamentos em três instituições pra ti poder comprar. A mais barata. Te dão o orçamento tu escolhes a mais barata; aí é que tu vai comparar. Isso demora no mínimo vinte dias. O que a escola aqui se organiza: fazem festas que não entram no orçamento da escola, festa de São João, Garota Guaíba já teve, teve um almoço para os pais ou de sete de setembro. Então faz a atividade, todos os professores são convocados pra ajudar se registra como se fosse num sábado. E aí todo mundo participa e o dinheiro entra. Entra o que: mil e quinhentos reais, seiscentos reais. A Bete faz pastel, se dedica na cozinha. Aí ela delega funções: Tu ficas no brechó e tu ficas em tal lugar. Tudo funciona harmoniosamente, mas Diretora é quem é a gestora na verdade. Agora com o auxílio da Bete, das vices diretoras e da supervisora.

Eu: E ela, a Diretora, faz a gestão financeira e dos recursos humanos?

P.C.: Isso, sempre com... assim a Bete organiza nossos horários. Chega no final do ano, ela pergunta: Como é que fica teu horário pro ano que vem?

A princípio mesmo horário. Aí ela tenta organizar aqueles dias se não dá tenta trocar... Como a maioria dos professores trabalha em duas escolas e muda muito é difícil conciliar. Aí vem o professor e diz: só tenho livre terça e quinta. Aí tu precisas daquele professor de dar uma organizada no horário, mas normalmente dias definidos. Sempre tem teu dia.

Eu: Tu falastes da organização dos horários, isso é a Bete que organiza tanto manhã como tarde?

P.C.: Sim.

Eu: E ela é supervisora pedagógica da manhã e da tarde?

P.C.: Não sei se ela é da manhã ou da tarde. Acho que ela é só da tarde. É que ela andava de licença... prêmio. Aí entrou a Pri, também. Eu não sei se a Bete está ainda ou está emprestada ou se a Pri é meio turno e meio turno sala. Eu acho! E a Bete fica à tarde.

Eu: E a Pri fica pela manhã?

P.C.: Isso.

Eu: E a função da Pri?

P.C.: É a mesma, é supervisora. Mas como a Bete é mais antiga e tem mais manejo com tudo isso. E qualquer problema que tu tem com mãe, com pai, tu tem a Pri a Luciane ou a Bete e a Mara pra conversar. Bem tranquilo assim, igual um colégio particular.

Eu: A pintura da escola nós percebemos que é algo diferente, esse dinheiro é oriundo das festas?

P.C.: Sim. Não. Tem, por exemplo, o ginásio foi todo pintado, aí tem uma participação com projetos que é com a Gerdau. Aí a Gerdau forneceu, este ano, que ela explicou. A Gerdau tinha um dinheiro para vários projetos da escola, aí deu dinheiro pra comprar os tecidos. A Lucíola e a Queila se ofereceram pra cortar e costurar todas as cortinas da escola com esse dinheiro. Tudo.

Aí as professoras acharam que as salas estavam feias, a diretora entrou com a tinta e os maridos vieram aqui com as professoras e pintaram suas salas. E o que faltou, era muito difícil ai não teve...

Tem muito envolvimento me lembra escola de interior, que tem essa questão de se preocupar com a escola. Aí pediram, era aniversário do Guaíba de noventa e nove anos, então pediram que cada aluno trouxesse material de limpeza pra ajudar a escola e a comunidade ajuda. Porque é uma escola boa. Exatamente neste sentido e funciona bem. E aí eu acho que é uma questão da gestão por que isso no Porto Alegre não acontece.

Eu: Como é lá?

P.C.: No Porto Alegre, nós íamos fazer festa de São João, aí eram poucos alunos e era uma pobreza. Chegava em cima da hora: Ah! Não vamos fazer nada. No ano passado no Natal teve um grupo que se ofereceu pra dar presentes para todos os alunos, tipo Papai Noel. E a escola organizou uma apresentação de dança como agradecimento. A diretora nem ficou na apresentação, ninguém assistiu, nem viram que aconteceu a apresentação. Só esperaram a hora dos presentes e foram embora. É diferente. Tu te acostumas com o bom ou com o ruim.

Se tu estás em uma escola que tu podes chegar vinte minutos atrasada e não acontece nada, chega uma hora que tu também entra nessa onda. Que era o que acontecia lá nessa questão do recreio. O recreio são quinze minutos, batia: Ah! Já tem que ir. E não iam, ficavam no pátio meia hora quarenta minutos, quando via já era cinco da tarde.

Eu: E como isso influenciava tua aula?

P.C.: Não tinha como dar aula, no início pegava a bola e ia pro pátio, mas aí eu começava a ser muito "caxias" de ir para o pátio, então eu esperava um pouco e pra não me sentir culpada deixava os alunos com bola no recreio. Bola de vôlei e bola de futebol.

Eu: E tinha pressão dos outros professores pra ti não ir antes e começar a dar aula?

P.C.: Não, eu saía e atrapalhava a minha aula. Os alunos reclamavam: Como que eu estava lá e os outros não se mexiam. Dependia o dia. E mesmo quando a vice.

Não tinha vice de tarde e não tinha supervisora só tinha a diretora. E a manhã que tinha supervisora também era assim, era uma dificuldade horrível. Criou-se o hábito. De ser uma terra sem lei. De não ter horário pra chegar. Chegar duas da tarde e não acontecer nada. Tu registras teu período e não dar um período não dar nada.

Eu: E tinha como presença? Tudo normal?

P.C.: Sim, não mudava nada. No início do ano que chegou uma supervisora e deu uma modificada, mas aí eu não sei como ficou por que eu saí. Mas isso acontecia. Eu noto a diferença, na Vila era a mesma coisa. Na Vila tu chegavas atrasada, aí eles instituíram que se tu chegares três dias atrasada tu ganhavas um gancho que é a respeito de uma falta não justificada e te descontavam trinta por cento do teu salário. Mas aí quem era queridinha, não tinha desconto. Quem não era, tinha.

Eu: Queridinha de quem?

P.C.: Da diretora, Então tem toda...

Eu: Essa escola é na Vila?

P.C.: Lá perto do Campo da Tuca, Vila Santa Catarina, São José, lá em cima.

Eu: Nome da escola?

P.C.: É Escola Canoas. Tanto é que aconteceu um negócio que saiu no... tu vais ter um treco... que saiu na aquele "Balança Geral" um ano. O professor liberou a turma mais cedo, uns dez minutos antes do almoço, uma menina da Vila foi ali e brigaram. Elas brigaram e uma menina levou duzentos e trinta pontos de estilete, uma menina retalhada na escola e foi o maior estresse, pois estava em período de aula. Então esteve até o Ministério Público pra ver o que tinha acontecido. Essa questão do horário é muito importante. Tu podes considerar que pode não acontecer nada, mas pode sair na rua dez para as seis e ser atropelado, mas como se estava na escola.

Eu: Aqui, tu disseste que a tua falta é suprida por alguém, mas tu tens uma cobrança para que recuperes esta aula?

P.C.: Não.

Eu: Tu não vieste, o Fagner te substituiu e está tudo tranqüilo?

P.C.: Tu ganha falta. É falta justificada. Tu ficas doente, vai no médico e teus filhos ficam doentes. Ninguém falta por que quer. Tu não registras o período, na verdade.

Eu: Vocês têm reunião de professores aqui?

P.C.: Quarta-feira, quinzenalmente. Mas eu vou te deixar numa lacuna, pois eu quase nunca consigo assistir. Porque meu horário... eu chego aqui sete da noite já está no fim da reunião, mas tratam assuntos de ... quando vai ter conselho de classe, antes do conselhos perguntam se tem algum aluno que está muito difícil nas notas. Até para chamar os pais e informar como eles estão. Avisam das festas, quando têm festas e o que tem que fazer eles... A gente combina nas reuniões.

Eu: Quem é que coordena e organiza as reuniões?

P.C.: A Bete e a Pri. A Mara, às vezes, entra com a parte de interação. Sempre quando tem conselho a Mara que é do pedagógico e a Luciane fazem alguma coisa de... como é o nome?

Eu: Dinâmica de grupo?

P.C.: Isso, dinâmica de grupo para interação do grupo.

3) Percebes a existência de Grupos dentro de tua escola? Como se organizam: por afinidade, ideologia, amizade, disciplina ministrada?

Eu: Tu percebes a existência de grupos distintos? Um agrupamento de professores?

P.C.: Sim.

Eu: Dentro da escola?

P.C.: Sim. (sim, prolongado)

Eu: E como eles se organizam?

P.C.: Normalmente é de primeira a quarta série que a agente chama o CAT que são mais unidos que os de área.

Eu: Em que aspectos?

P.C.: No recreio que tu notas mais. Eles sentam, conversam sobre as dificuldades quem tem... é uma sequência o meu aluno esse ano vai ser teu no próximo ano, se foi teu no ano passado tu vai falando. Tem essa troca mais do que nós, nós é por disciplina. Às vezes se tem dois professores de português. Tem professor que dá aula só para sexta, só para a sétima e oitava tem uns que dão só pro sexto ano, às vezes tem três professores pra toda turma, de manhã e de tarde. Então eles conversam mais e às vezes por afinidade.

Eu: Como tu te organizas?

P.C.: Eu me organizo com o CAT.

Eu: Com o CAT?

P.C.: É eu não sei se é por que eu venho de manhã e de tarde, se é por que eu converso mais com as gurias, se eu participo com elas quando tem apresentação do dia

dos pais para organizar alguma coisa. Mas eu fico mais assim, mesmo quando tinha outra professora de Educação Física, me relaciono melhor.

Eu: E há a presença de presença de grupos ideológicos, que são contrários a direção?

P.C.: Eu só ouvi uma coisa: Aquela “profe” que saiu aqui da escola disse “Graças a Deus” que aqui é regime militar. Nesta escola que ela foi, ela sai quatro da tarde, três da tarde.

E até me surpreendi, com uma reclamação deste sentido. Mas é uma das poucas escolas que é organizada, de verdade, não é por que estou na escola, bem pelo contrário. É um funcionamento normal, é uma escola particular. Tu tens cobrança se deixou o aluno sair da sala, se tu não destes nada. Tem uma cobrança, não passa despercebido.

Eu: E o planejamento?

P.C.: Tem um planejamento de muito tempo atrás que se segue de cada turma. No início do ano, por trimestre e se eu for mudar eu mudo e se chegar um professor novo ele consegue seguir essa mesma... esse mesmo objetivo e dentro do geral eu me organizo nas provas e no que eu faço.

Eu: E há uma cobrança em cima disso? Sobre o teu planejamento?

P.C.: Por exemplo: Eu faço prova de resistência, têm muitos pais que reclamam. A escola tem que estar ciente do que eu faço para até poder me auxiliar nessa hora. Eu sempre explico o que eu faço.

E tem uma agora que é a questão da roupa adequada para a Educação Física. Está no regulamento da escola, então é obrigatório. O ano passado eu não cobrava. Eu nem sabia, então eu cobrava polichinelos. Esse ano eu combinei diferente cada vez que vier sem uniforme perde um ponto na média, não recupera. E a Bete disse: Não, está certo! Esse é o primeiro trimestre. Quando os pais vierem cobrar já vão saber que roupa tem que ser adequada.

Eu: Então elas te dão autonomia e apoio?

P.C.: Sim, apoio sim.

4) Como são as hierarquias em tua escola? Como ela se organiza? Qual tua opinião sobre isso?

Eu: Como são as hierarquias aqui na escola? Existem? E como se organiza? Tu percebes alguém acima de alguém? Qual a tua opinião sobre isso?

P.C.: Acho que eu não percebo muito essa diferença ou não me afeta diretamente. Há hierarquia sim, a diretora, mas ela é aberta a conversar sempre. A Bete, também da supervisão mais. E a Queila da manhã que como vice, tu vais te atrasar tu tens um exame, tu estás com uma dificuldade, tu tens que levar teu problema a ela. Neste sentido mais.

Eu: A mesma coisa com a vice da tarde?

P.C.: É. Com menos tolerância a da tarde do que a da manhã.

Eu: Acabei não perguntando, quanto ao Porto Alegre quanto aos grupos.

P.C.: Aqui é muito mais unido, pois tem essa questão de festas nós convivemos mais. Tem professores que vêm terças e quintas e outros que vêm segunda, quarta e sexta e tu vê ele uma vez só na semana. Eu por que dou aula pra todas as turmas, então não tem muito contato. Só em conselho de classe.

E tem até o preconceito: Aquele professor é muito relaxado. E tu acabas não levando em consideração o que ele te diz referente ao aluno. E no Porto Alegre também era unido. Na Vila, não era tanto e eu achei até que era questão de classe social. Na Vila era mais “cada um por sim, Deus por todos”. Eu não venho, não venho, não devo nada para ninguém. Eu não faço, não faço, e era o que têm. Era muito individualista.

Eu: Cada professor na sua?

P.C.: Sim.

Eu: E a direção como funcionava?

P.C.: A direção até tentava contornar, teve uma diretora ótima. Quando mudou a direção desestruturou muito. Muito mesmo, não sei se é a minha visão, equivocada. Mas eu noto que tem diferença até quando tu lidas com o aluno mais da vila, o palavreado, as expressões e o jeito. Quer ver uma coisa que me chocou muito quando a minha diretora lá da Vila. Quando eu falei que tava grávida, que tinha filho e que eu não estava conseguindo escolinha lá perto da Vila, ela disse assim: Eu me “fudi” quando tive filho, te “fode”! Não posso fazer nada.

Eu: Nestes termos?

P.C.: Nestas palavras, exatamente assim! Não posso fazer nada, diferente daqui.

Eu: E como tu te sentiste no momento?

P.C.: Péssima, eu pedi pra sair, eu fui à Secretaria da Educação.

Eu: E em relação à escola?

P.C.: Cortou, tinha vínculo com as crianças, muito, pois fiquei vários anos lá. Quando aconteceu isso, pensei: o que é prioridade?

Peguei o Pedrinho fui à SEC. Disse: Não é possível, diminuo a carga horária, mas eu não fico. É eu sei, tu queres trocar.

A Diretora que me deu uma baita mão foi lá na escola fez com que a diretora me liberar, pois ela não estava nem aí. Eu estava ainda lá na escola e ela só ia me liberar quando fosse um professor. A Diretora foi à SEC e disse a Cândice já é minha, puxou para aqui e me organizou.

E a Queila, bem diferente. Quando eu não tenho escolinha para as crianças ele me disse: Tu trás as crianças e eu te ajudo a cuidar. Não é uma aula cem por cento. A Queila fica com um eu com outro e aí funciona normal, pois não tem todos os alunos no pátio. E os alunos também são tolerantes neste sentido de te ajudar é diferente. Lá na Vila as crianças também gostavam e diziam: Ah! “sora” tu trouxe o Pedrinho, mas é diferente a estrutura. Não poderia, mas a Pri fica com ele, a Rachel fica com ele por solidariedade.

5) Qual é a função (papel) de cada membro?

Eu: Qual é a função, talvez agora vai ser até meio repetitivo, cada membro da hierarquia e sua função. E o papel que ele exerce, pois a função pode ser uma e o papel exercido ser outro.

P.C.: Eu vou dizer o que eu enxergo e não sei se combina com o que é. A Diretora administra como um empresário administra a escola. Parte mais, sei lá se fácil, não tão presentes como os outros.

Eu: Ela não se preocupa de forma alguma ou pouco com a parte pedagógica?

P.C.: Ela se preocupa. Ela delega funções. A Bete é responsável por essa parte e a Pri. Ela delega bem as funções, ela está bem assessorada. As vices diretoras cuidam da parte da disciplina na escola e a parte delas. As vices cuidam! Se bateu o recreio e tu não foi pra sala de aula ela vai lá e bate, oh bateu! Elas nos mandam por tabela. Se tu ficares ali, cruzares os braço e disseres: Não vou! Então é outro departamento. Ela delega muito bem estas funções, funciona. Se faltar o pessoal da limpeza a Queila já organiza quem vem em tal lugar para suprir. Se faltar professor é a Queila que faz isso, não é a diretora que faz isso. A diretora só entra em ação quando falta um professor, o professor vai sair, um professor está de licença, o que ela pode fazer. Essa é a função dela junto com a Bete e a Pri.

Eu: E as orientadoras pedagógica?

P.C.: Que são a Mara e a Luciane. Elas são mais com as crianças, com os pais, por que tem muitos pais. Tem laudo com déficit de atenção, tem que chamar o pai, tem que chamar a mãe. Mais com a criança.

Eu: E tu percebes alguém acima de alguém?

P.C.: Eu acho que cada um cumpre a sua função, tem mais afinidades. A Queila é muito mais funcional do que a Sara. Funciona muito mais nós a respeitamos muito mais do que a Sara. A Bete, supervisora, impõe respeito pela postura dela e tudo mais, mas ela é o tipo de pessoa, tu conheceu ela, se tu conversares com ela e tu tiveres um problema, ela te ajuda de todas as formas. E se ela achar que tu precisas de uma chamada de atenção, ela também te chama a atenção. Independente da Diretora ou não.

Acontece até o que aconteceu com o professor estagiário, ele conversou comigo e a Bete, não resolveu. Ele foi conversou com a Diretora, a Diretora passou para a Bete e o problema voltou para Bete e para mim. Pois não tinha nada a ver com a Diretora. Ela não desrespeitou ninguém. Ela disse: Volta que o problema não é comigo é com as duas. Bem bom!

Eu: E quanto aos secretários? Onde eles estão alocados nesta organização?

P.C.: Eu não tenho muito contato, mas o meu contato é quando tem que entregar as notas no final do trimestre, na secretaria. Quando precisas de um xérox, quando precisas de algum atestado, então eu vou à secretaria. Eu acho que com os outros professores é muito mais. Precisa de uma prova, um trabalho, um xérox é muito mais prático. Eu quase nunca vou.

6) De que forma essa estrutura e seus membros influenciam tua aula?

P.C.: Se tiver um professor que deixa o aluno sair da sala. Eles vão para a Educação Física, eles ficam em incomodando na Educação Física. Não que eles me incomodem por estar ali, mas estão fora de aula se eu deixo a culpada sou eu. Não se eu os deixo aí. Os alunos reclamam que tem aluno fora de sala e a Bete diz: Cândice... A Sara diz: Por que tu deixaste aluno fora da aula? Manda para a sala!

Neste sentido. Eu não me importo, mas eu estou sendo conivente com eles que estão matando aula. Neste sentido que me atrapalha.

Eu: Então quando não funciona?

P.C.: Prejudica-me.

Eu: E o seu funcionamento como te ajuda na tua aula?

P.C.: Pois aí, tu consegues te dedicar só a aquela turma que tem trinta, trinta e cinco alunos. Tu não os perdes de vista, por que se tu perderes eles de vista a responsabilidade é tua. Que eles podem: Saiu um aluno da tua aula, saiu um aluno de Português e eles se encontrarem no banheiro. A responsabilidade é tua, pois eles estão na tua aula. Se eles saíram da sala, foram lá na sala e roubaram uma coisa da sala que está destrancada. A responsabilidade é tua mesmo que a escola não se responsabilize por roubo de celular ou de dinheiro, mas tu te sentes responsável, por que eles estão na tua aula. Eles vão sair da sala com mochila? Sendo que não dá pra deixar nada lá, sendo que se tu cuidares, tu deixares, não tem por que sair pra tomar água o tempo inteiro podendo levar a garrafinha, não tem por que ir ao banheiro. Então se funcionar tudo é harmonioso. Não tem choque, se faltou um professor e a turma tem que ficar no pátio incomodando os que estão em atividade. E os que estão em atividade se infiltram nos que estão ali. E é um estresse maior. Do que é necessário.

Eu: E a questão administrativa como interfere? A função da Diretora, por exemplo, como é que as funções dele interferem na tua aula?

P.C.: Não.

Eu: E com os materiais?

P.C.: Ah! Com os materiais sim. Ela nunca se nega a comprar, mas nós temos uma combinação. Como as bolas vão muito para o pátio e para o telhado por descuido de aluno. Nós aderimos a prática que o aluno repõe o material, traz dinheiro ou traz uma bola pra repor. Ela é super prestativa eu disse: Eu preciso no mínimo no trimestre para todas as turmas seis bolas de vôlei. Ela compra, ela pensou: é mesmo se fosse uma pra cada turma seria muito mais. Demorou um pouco, duas semanas, mas ela compra nunca se negou a comprar. Nunca faltou material.

Eu: Tu falaste antes do projeto com a Gerdau. Quem é que estruturou, fez esse projeto?

P.C.: Eu não sei se eles tiveram uma parceria que a Diretora buscou e que eles acolheram uma escola e tinham alguns projetos que alguns professores fizeram. Pra chamar. Por exemplo, do lixo reciclável, das pilhas, isso eu não sei te explicar.

7) Identifica em tua escola uma hierarquia de saberes? Como tu vê isso?

Eu: Agora algo em relação ao que já havíamos falado: Se tu consegues identificar uma hierarquia de saberes aqui na escola?

P.C.: Eu acho que eles tentam fazer paralelo. Se vai rodar em Português, deixa rodar em história também. Se vai rodar em Matemática. Para não rodar em uma disciplina apenas, é muito difícil, pois o professor tem pleno poder se ele não quer mudar a nota. Se ele achar que o aluno não merece, mas rodar um aluno por uma disciplina só é difícil, por causa dos pais- o ano inteiro - eles vão achar inúmeros problemas e tudo mais. Mas se têm é muito mais dos professores, por achar que Educação Física não tem prova, eu não faço prova, mas não faço prova não por que não fiz. E sim exatamente por que a Educação Física escolar estar muito... Não tem mais essa cultura de Educação Física, de prática eles são muito sedentários. Então eu acho que é mais importante fazeres a prática do que a provas, para desenvolver mais habilidades motoras.

Eu não noto isso. Eles me tratam bem. Acho que às vezes dizem: A Educação Física é mais fácil, não tem prova, não tem recuperação.

Eu: Isso os professores?

P.C.: Os professores.

Eu: E a direção?

P.C.: A direção super tranqüila, Educação Física roda, faz trabalho, chamam os pais, eu dou bilhete quando não cumprem a atividade. Andam sempre juntinhos, por que eu não faço nenhuma loucura.

Eu: Os setores também?

P.C.: Sim.

8) Como essa hierarquia de saberes influencia tua aula no decorrer do ano?

Eu: Então tu achas que essa hierarquia de saberes não influencia em nada?

P.C.: Não, tanto é que se tem pais que dizem que Educação Física não roda, os alunos dizem: roda sim, fala isso para minha professora que ela não aceita e a supervisão também me apóia. É bem tranqüilo. No Porto Alegre também era tranqüilo neste sentido de fazer a atividade. Talvez um pouco mais tolerante. Ah! Cândice se o aluno veio com atestado que não pode fazer nada então ele faz um trabalho todas as aulas. Poderia fazer um trabalho trimestral, mas aí eu digo, vai ficar todas as aulas sem fazer nada. Não, ele vai fazer um por aula. Então se ele não pode; ele vai ficar escrevendo. Por chatice minha, na verdade. Mais trabalho.

9) O que mais tu achas que influencia a Educação Física na escola?

Eu: O que tu acha que mais influencia a Educação Física na escola?

P.C.: Em que sentido?

Eu: O que além do que nós já conversamos aqui, o que mais te ajuda ou atrapalha na tua aula? No andamento da tua aula?

P.C.: Tempo, quando chove que aí muda. Quando acontece alguma coisa, some materiais e aí tu contas com cinco bolas e tu chegas não tem nenhuma. Essa organização de última hora se chove e tu ias jogar vôlei, nós ficamos... Vocês ficaram quanto tempo ano passado sem poste de vôlei, aí não faziam atividade.

Eu: E como foi para conseguir este poste?

P.C.: O poste? Meu marido, pegou, levou na, com autorização da Diretora, levou no serralheiro e ele arrumou. Por que a Diretora chamou três, quatro e nenhum veio na escola. Entra naquela questão de orçamento, de buscar, tu ficas dependendo... Daí eu disse: Não vamos pular essa etapa. E ela me permitiu que eu pegasse, ele pegou e levou, arrumou e devolveu. Ela só deu o dinheiro pra pagar.

Eu: Dinheiro oriundo das festas?

P.C.: Das festas. Por que se tiver que justificar aí não funciona assim.

Eu: Não teria como?

P.C.: Não, os maridos sempre ajudam. Tá?

Eu: Os as esposas também?

P.C.: Ou as esposas também, sempre!

10) Como resolves os problemas com alunos, materiais, espaços que ocorrem dentro de tua aula ou afetam tua aula?

Eu: E como é que tu resolves os problemas com alunos, materiais e espaços que ocorrem dentro da tua aula?

P.C.: Se tem uma briga dentro da aula de Educação Física tu encaminha pra vice diretora que ela faz uma Ata. Chama os pais. Se tu tens um aluno que não quer fazer a atividade, ou sei lá, está na quinta vez que veio sem uniforme tem um bilhete padrão que tu mandas para o pai assinar e vir assinado. Se não vier assinado a Mara liga para os pais ou chama os pais na escola. Se tiver um aluno que não faz nada ou está com nota baixa sempre tem essa conversa com os pais. Se eu tiver um aluno que me perturba muito a Mara diz: Vamos ligar para os pais para saber.

Até quando uma mãe manda um bilhete muito desafortado impondo que: Meu filho não vai fazer Educação Física, ponto. Por que tem asma, por que tem não sei o que. A Mara diz assim: Vamos ligar para essa mãe, por que não funciona assim. Mesmo que tu aceites o bilhete, tu não és obrigado a aceitar se ele perdeu uma prova. Mas eu acho que não custa, tu seres tolerante neste sentido de aceitar bilhete de pai e mãe. Por que eu acho que eles estão presentes, eles estão cientes. Mas a Mara e a Luciane são muito tranquilas. Eu acho que elas se preocupam muito com a Educação Física de verdade. Como se fosse qualquer outra disciplina, por que a Educação Física é igual a Artes, um pouco... É importante, elas consideram que roda, aqui na escola em sim mudou essa cultura de que não roda e não fazem nada. E os alunos gostam, pois saem da sala de aula e fazem uma atividade diferente.

Eu: E quanto a espaços? A utilização de espaços? Tu tens algum problema com algum espaço? Como tu resolves o problema com espaços?

P.C.: O ginásio sempre pode usar, aqui o pátio sempre pode usar, pois elas organizam a Educação Física do CAT que não coincida com a minha. É organização de horário e o recreio também. O único detalhe é esse canto que não é muito permitido para usar, pois não tem tela nos vidros. E aí quebrou um vidro na aula, sorte que não machucou ninguém. Se eu quiser ficar na sala, no pátio ou na sala de Educação Física.

Eu: E esta sala aqui do fundo?

P.C.: O salão? Não tem problema. Desde que se agende.

11) Contas com o auxílio de alguém para solucionar problemas? E para elaborar planos trabalho e ensino?

Eu: Tu contas com o auxílio de alguém pra solucionar problemas?

P.C.: Sim, com a vice e com a supervisora.

Eu: Quem é a tua referencia e teu apoio? Que tu sabes que podes contar?

P.C.: A Queila, a Pri, a Bete e a Mara.

Eu: E tu recebes alguma ajuda na elaboração do Plano de Ensino e Plano de Trabalho?

P.C.: Não.

Eu: Tu tens autonomia pra fazer?

P.C.: Autonomia para fazer.

Eu: E tens alguma cobrança em cima disto?

P.C.: O único comentário que eu não sei se isso serve de cobrança. Na outra escola como norteador assim, se trocava professor o que eu fazia de plano, mas o plano ele muda dependendo do que tu tens de recursos. Lá chegou um período que não tinha nenhuma bola de futebol só tinha bola de basquete. E aí sumiu e se nós fazíamos só jogos e se resumiu a só jogos o trimestre inteiro, por que não tinha material, então não havia cobrança.

Mas aqui foi a Queila que disse: O dia que eu olhar a Educação Física e tu não tiveres dando atividade orientada. Eu vou te chamar aqui e vou te chamar a atenção. Por que eu sempre dei atividade orientada, nunca os deixei livres, no máximo quando tem uma recuperação de prova. Ele faz a prova o termina e aí tem o período livre pra fazer alguma atividade.

Eu: Então tem uma cobrança?

P.C.: Sim, bem visível. Não sei se por que se acostumaram, pois quando eu estive de licença...

Eu: Se acostumaram?

P.C.: Comigo. Nesta questão de exigir. Por que quando teve o meu substituto na minha licença gestante. Foi até uma... Eles liberaram o professor antes por que ele deixava os alunos sem fazer nada. Os alunos mesmos vinham na secretaria reclamar pra vice. Quando é que eu ia voltar, por que o professor não dava nada e eles não tinham nada pra fazer. Então tinham uns alunos que vinham sempre perguntar: Quando ela vai voltar, quando ela vai voltar?

Não sei se tem haver isso se eles se acostumaram em ter aula, ou não.

Eu: A diretora e a vice...

P.C.: A vice me cobrou. Ela disse: que o dia que ela me ver sem fazer nada ela me chama na secretaria. Que "Deus o livre", que tem que ter aula o filho dela tem que ter aula.

Eu: E como os pais, a comunidade, participam aqui na escola? Como é a participação deles?

P.C.: Quando tem festa, eles participam muito! Eles consomem. Teve um ano que foi lindo demais, foi uma atividade esportiva entre pais e filhos. Olha tinham muitos pais mais de quatrocentos pais. E tu vias que todos gostaram e tinha um retorno bom. Sempre têm uns que são "cricrí" que respondem, mas a comunidade é bem participativa.

Eu: Até nas questões pedagógicas? Da tua aula?

P.C.: Reclamam! Tem vezes que a Queila me diz: Cândice tu pegastes pesado vieram seis pais aqui.

Eu: Pesado em que?

P.C.: Nas provas! Disse que os filhos ficaram apavorados que tu disseste que eles tiraram zero na prova. E eu disse que não me dei conta da forma com a expressão que eu usei que eles são sexto ano. Então eu disse que eles tiraram zero na prova e não no trimestre. A mãe veio justificar que o filho teve asma, que o filho estava mal, estava gripado e que não podia fazer atividade.

Mas eu disse pra ela: Não se preocupa. Às vezes vomitam, quando tem crise de asma, eles vêm e questionam muito de verdade. Mas a escola sempre tenta amenizar.

Eu: E isso interfere na tua aula? Tu tentas amenizar diminuindo o ritmo?

P.C.: Não, às vezes em termos de exigência com aquela criança. Ah! Um aluno é asmático e a mãe cria em uma redoma de vidro. Eu tento explicar para o aluno e para mãe que não vai funcionar. Por que eu não sou leiga eu não quero o filho, bem pelo contrário. Eu quero ajudar ele na atividade e tento explicar neste sentido para que a Educação Física seja boa e não ruim. Se tem cólica ou se está gripado nós aceitamos o bilhete para os menores. Por que são pequeninhos ainda. Tem uma mãe que cuida do Pedrinho na escola e ela disse: Tu olha meu filho na escola se ele está mal. Neste sentido, crise de asma e bombinha é o que mais acontece.

Eu: Se cai uma bola no telhado, por exemplo? Tu tens que resolver sozinha ou contas com o auxílio de alguém?

P.C.: A Lucíola sempre me ajuda se cair ali. Os alunos também.

Eu: E como isso influencia no desenvolvimento da tua aula?

P.C.: Sim.

Eu: O auxílio dela?

P.C.: Sim, por que se tu tens três... Como hoje pela manhã tinha uma bola de vôlei, chovendo e nós tínhamos que ficar no ginásio. Metade do ginásio com vôlei, metade com uma bola de vôlei, pois não tinha o que fazer. Pela proposta de agora que é o vôlei se tem duas ou três bolas tu consegues jogar com elástico três times e o guardinha que não é guarda é “Brigadiano” que eu peço aqui pra ele e ele sempre tira as bolas quando cai na casa dele. Mas ele tira no final de semana.

Eu: Mas ele não transita no ambiente escolar?

P.C.: Sim, pouco.

12) Tu te sentes trabalhando sozinha, em grupo ou em conflito em tua escola?

Eu: Tu te sentes aqui na escola trabalhando sozinha, em grupo ou em um grupo em conflito?

P.C.: Não em grupo, bem em grupo mesmo, eu me sinto ambientada na escola tenho o apoio, acho que tudo anda tranquilamente.

Eu: Grupo coeso?

P.C.: (acenou positivamente)

Eu: E como é a tua autonomia?

P.C.: A única coisa é quando tem torneio que envolve todas as turmas. Eu não tenho autonomia e tenho que perguntar se eu posso fazer. Mas em termos de aula e tudo é tranquilamente. Nunca influencia direto.

Eu: Tu havias me falado uma vez: não sei se é o meu jeito, mas eu vou passando por cima!

P.C.: Sim.

Eu: Explica-me melhor eu gostaria de entender?

P.C.: Se eu quero fazer uma coisa eu organizo quase tudo e entrego mastigado e determinado. Então dia tal tem conselho de classe e nós podemos fazer aula, pois os professores não têm mais nada pra dar já fecharam nota, já encerrou o trimestre lá no final do ano ou vésperas das férias. Então eu organizo tudo, mas questiono com tudo organizado. Se ela disser que não, não!

Eu: Ela quem?

P.C.: A Bete. Sempre é a Bete, pois é ela que questiona com a Diretora. Às vezes ela diz pergunta pra Diretora e ela responde: Pergunta para a Bete.

Eu: A Bete é quem cuida mesmo da parte pedagógica?

P.C.: Sim.

Eu: De forma centralizadora?

P.C.: Eu vejo ela, que fique entre nós, como braço direito da Diretora. Alguns dizem que ela consegue se organizar muito mais do que a Diretora. Eu acho que é pólo jeito dela, por vontade dela, sempre que tem festa ela determina assim tu vai para a cozinha, tu vais pra lá e tu vais pra lá. Tu tens o direito de dizer assim: Eu não gosto de ficar na cozinha. E ela diz, então vamos trocar onde tu queres ficar? Ela te dá essa opção. Não gosta de ser adulto, não falar no dia e tu não ir. Aí sobrecarrega quem está lá.

E tu dizeres: eu fiz minhas unhas e não vou na cozinha, lavar a louça. E ninguém gosta, mas se é um grupo de apoio na festa junina é a mesma coisa. Duas pessoas vão em cada brincadeira pra não ficar tão cansativo.

No fundo nós não temos obrigação, tu fazes de doação para participar da escola.

Eu: Mas conta como dia letivo?

P.C.: Sim, mas às vezes como um sábado que são três horas e tu ficas aqui das duas da tarde às sete da tarde, ultrapassa. Tu registra sábado de manhã, mas fica da seis da tarde às dez da noite foge do teu horário.

Eu: E todos os professores levam isso numa boa?

P.C.: A maioria.

Eu: Porque tu achas que há uma participação dos professores sendo que eles trabalham quatro horas a mais.

P.C.: Por que tem todo um cuidado, assim, quando a escola pode ajudar os professores ele ajuda entende?

Por exemplo, tem férias e aí vamos fazer alguma coisa interessante naquela semana, aí organiza um café da manhã para os professores.

Eu: Quem organiza?

P.C.: A Bete, sempre ela com a Diretora e com as vices se organizam, a Pri. O que ela diz vamos fazer um bolo para os professores vai lá e faz um bolo. Vou fazer pastel doce então ela vai lá na cozinha e ela faz.

Então elas são as responsáveis? Tu dirias que a Bete é a grande responsável pela coesão do grupo?

P.C.: É isso aí! Ela vai cativando. E vai determinando o que tu fazes. Uns reclamam outros não. No meu ponto de vista funciona, pois um a escola tem que ter “cacique” se não, não funciona.

13) Para um professor novato que chega em uma escola, quais são tuas dicas para que ele possa “sobreviver” e se integrar com o grupo?

P.C.: Se tu és responsável e dedicado por natureza tu vais ser bem acolhido.

Eu: Em qualquer grupo?

P.C.: Sim, vamos voltar, depende aí da organização da escola. Eu já cheguei em escolas que a supervisora nem me apresentou em sala de aula. Eu peguei o caderno de chamada, fui para a sala de aula e me apresentei para a turma. E tem escolas, como aqui, que te levam para a sala de aula e te apresentam; te apresentam para os pais e te apresentam para a comunidade. Tu não és obrigado a saber preencher um caderno de chamada. Então tu pegas um caderno de chama, dizendo eu nunca preenchi um caderno de chamada, elas te explicam direitinho, caneta azul ou preta faz isso, faz isso e faz isso.

Mas acho que vai muito da tua índole e da tua vontade. Com certeza se tu for um professor não tão bom profissional tu vais ser excluído por tabela. Vão falar de ti pelas costas, não vão te ajudar e não vão dar-te crédito. Acho que isso é o que mais influencia a tua índole a tu dedicação.

Eu: E as tuas dicas para eu ser aceito no grupo?

P.C.: Dos alunos ou dos professores?

Eu: Do grupo.

P.C.: Eu não sou aceita por todos. Eu estava observando hoje mesmo isso que eu me dou melhor com as gurias do CAT e com a supervisão por afinidade, sei lá, do que com os meus colegas professores. Tem professor que eu nunca troquei uma frase ou um assunto, no recreio inteiro, nunca. Por que são muitos, então vai um pouco da afinidade do teu grupo.

Eu: Tem professores que se isolam do grupo?

P.C.: Sim, que saí pra fumar, que não conversa, que não sorri e que não cumprimenta tem.

Eu: Finalizando então:

14) O que entendes por micropolítica escolar?

P.C.: Não sei se é a colocação certa. Que tem uma política que tem uma hierarquia que a escola hoje em dia é como uma empresa. Que não deveria ser nem uma diretora e sim uma administradora. Por que ele tem que administrar um verba que vem do estado, tem que administrar pessoas é uma empresa.

Eu: Essa escola tu enxergas como uma empresa e isso se aplica lá no Porto Alegre? Ou não, lá é diferente?

P.C.: Não.

Eu: Essa tu enxergas mais como uma empresa?

P.C.: Tudo funciona, todo mundo se apóia e faz um esforço. Tudo funciona e eu sempre digo que ela parece uma escola particular. Segue um planejamento e não é uma escola abandonada, à deriva. Eu acho que isso tudo tem a ver com a direção ou com os membros mais importantes.

O Porto Alegre era largado. Muito largado, era “uma terra sem lei”. Se chegava atrasado se não chegava. Se ia se não ia. Se tu ficavas na sala de aula, tinha uma professora que ficava no facebook e não tinha como a diretora enxergar isso sem ser por queixa dos professores. E tu vai dedurar algo que quem tem que fazer o papel é a supervisora?

Eu: Ninguém dedurou?

P.C.: Não.

Eu: Voltando no que tu entendes como micropolítica escolar?

P.C.: Eu acho que não entendo.

Eu: Sem medo de errar! O que te vem à mente quando tu ouves este termo?

P.C.: Não sei, nunca pensei a respeito. Vejo mais como uma empresa que funciona. Política tu dizes: Em ter alguém que manda e alguém que obedece. Desvio de algo? Não consigo te definir.

Eu: Bem, eu entendo como funcionamento, a lógica de funcionamento de uma escola.

P.C.: Por isso que eu questiono que os diretores deveriam ter um curso de gestores, por que eles tem uma empresa e um prédio inteiro para zelar. Se cair uma porta e o diretor não arrumar a porta vai ficar caída e é patrimônio da escola.

Eu: Tu acha que aqui na escola as relações e o poder é mais vertical ou é mais horizontal?

P.C.: Eu acho que eu não tenho essa percepção. Para mim todos são iguais desde funcionário tudo funciona igual;

Eu: E para a direção?

P.C.: Pois é para a direção para algumas coisas elas mandam e nós obedecemos e algumas pessoas!

Eu: Algumas coisas e algumas pessoas?

P.C.: A Sara é extremamente grossa. Ela chega no pátio te xinga, vira as costas e nem te ouve. Sem argumento. Tu és a culpada e ponto. Se, brigaram na tua aula tu és a culpada tu que não enxergou. Se eles se molharam na chuva tu que não enxergastes.

Ela é grossa, mas acho que ela é grossa por ser ignorante não por ser vice-diretora, por que falta essa coisinha nela. Eu até acho que ela não gosta de mim em específico, mas eu faço de conta que não percebo nada e não dou bola.

Eu: Ela mais na vertical então?

P.C.: É general assim

Eu: Já outras pessoas?

P.C.: A vice-diretora da manhã já é mais harmoniosa. Ela diz assim: Já bateu gente, eu vou tocar aqui ou vocês vão pra sala de aula. Eu não preciso ficar repetindo que deu o sinal, que acabou o recreio e que tem gente que precisa ir para sala de aula. Mais neste sentido.